



---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA**

**PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO BAIRRO  
PEDREGAL EM CUIABÁ-MT**



**CUIABÁ-MT  
2020**

**CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA**

**PATRIMÔNIO CULTURAL: MEMÓRIA E IDENTIDADE DO BAIRRO  
PEDREGAL EM CUIABÁ-MT**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional – núcleo Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de mestre em Ensino de História.  
Orientadora: Profa. Dra. Nleide Souza Dourado.

**CUIABÁ-MT  
2020**

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

O48p Oliveira, Carlos Eduardo de.  
PATRIMÔNIO CULTURAL: : MEMÓRIA E IDENTIDADE DO BAIRRO  
PEDREGAL EM CUIABÁ-MT / Carlos Eduardo de Oliveira. -- 2020  
88 f. : il. color. : 30 cm.  
  
Orientadora: Nieleide Souza Dourado.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de  
Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2020.  
Inclui bibliografia.  
  
1. Ensino de História. 2. Patrimônio Cultural. 3. Memória e Identidade. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROFHISTÓRIA - MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: Patrimônio cultural: memória e identidade do Bairro Pedregal em Cuiabá**

**AUTOR (A): MESTRANDO (A) Carlos Eduardo de Oliveira**

Dissertação defendida e aprovada em **25 de junho** de **2020**.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

Prof(a). Dr(a). Nileide Souza Dourado - Presidente da banca/Orientador(a)  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Renilson Rosa Ribeiro - Examinador(a) Interno(a)  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Prof(a). Dr(a). Alexandra Lima da Silva - Examinador(a) Externo(a)  
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof(a). Dr(a). Marcelo Fronza - Suplente  
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

**CUIABÁ/MT, 25/06/2020.**



Documento assinado eletronicamente por **RENILSON ROSA RIBEIRO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 20/07/2020, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **NILEIDE SOUZA DOURADO, Coordenador(a) do Mestrado Profissional em História - IGHD/UFMT**, em 03/08/2020, às 23:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCELO FRONZA, Docente da**



**Universidade Federal de Mato Grosso**, em 04/08/2020, às 19:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexandra Lima da Silva, Usuário Externo**, em 17/08/2020, às 20:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA, Usuário Externo**, em 22/08/2020, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2686526** e o código CRC **7CE0EB4D**.

**Referência:** Processo nº 23108.053634/2020-14

SEI nº 2686526

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto a educação patrimonial no bairro Pedregal, localizado em Cuiabá–MT, na EMEB Dr. Orlando Nigro. Esse bairro teve início na década de 1970, quando a cidade de Cuiabá recebia um grande contingente populacional que vinha em busca de oportunidades de emprego e melhores condições de vida. Durante esse período, entre 1970 e 1980, a população da cidade cresceu muito e isso trouxe várias consequências para Cuiabá, como o aumento de demandas por trabalho, saúde, educação e, por conta disso, o crescimento da criminalidade, ocasionando, de certa forma, ocupações de áreas urbanas/verdes e o surgimento de assentamentos precários à época. Portanto, o bairro Pedregal é resultante desse processo que ocorreu na cidade de Cuiabá, no período em estudo. Diante desse contexto, objetiva-se, com este trabalho, por intermédio da educação patrimonial, explorar os lugares de memórias e conquistas da comunidade ao longo dos anos, oportunizando desenvolver a consciência histórica na vida das crianças que estudam na EMEB Dr. Orlando Nigro, a fim de que, com essas informações e com a educação patrimonial, os estudantes possam levar adiante uma história diferente do bairro e, assim, num futuro próximo, fazer com que o bairro seja também compreendido de forma diferente pela população. E, como produto, será desenvolvido um minidocumentário a respeito da constituição e modernização do Pedregal, bem como de alguns de seus patrimônios culturais.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Patrimônio Cultural. Memória e Identidade.

## ABSTRACT

This work has as object the patrimonial education in the Pedregal neighborhood, located in Cuiabá-MT, at EMEB Dr. Orlando Nigro. This neighborhood began in the 1970s, when the city of Cuiabá received a large population that came in search of job opportunities and better living conditions. During this period, between 1970 and 1980, the city's population grew a lot and this brought several consequences for Cuiabá, such as the increase in demands for work, health, education and, because of this, the growth of crime, causing, in a way, occupations of urban/green areas and the emergence of precarious settlements at the time. Therefore, the Pedregal neighborhood is the result of this process that occurred in the city of Cuiabá, during the study period. In this context, the objective is, with this work, through heritage education, to explore the places of memories and achievements of the community over the years, making it appropriate to develop the historical awareness in the lives of children who study at EMEB Dr. Orlando Nigro, so that, with this information and with heritage education, students can carry forward a different history of the neighborhood and, thus, in the near future, make the neighborhood also understood differently by the population. And, as a product, a minidocumentary will be developed regarding the constitution and modernization of Pedregal, as well as some of its cultural heritage.

**Keywords:** History teaching. Cultural heritage. Memory and Identity.

*A Deus, aos meus filhos Pedro Henrique e  
Bernardo Lucas e à minha esposa Leiffa Kallen.*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Senhor Jesus, por abrir esta porta de estudo e me ajudar na realização desta pesquisa, propiciando momentos maravilhosos.

À minha orientadora, Dra. Nileide Souza Dourado, que sempre acreditou no meu trabalho, dando-me forças nos momentos em que mais precisei; cobrando nos momentos certos e acolhendo sempre se fazia necessário. Mesmo com a perda da sua querida mãe, continuou orientando-nos com paciência até este tão esperado momento.

Aos meus pais, Sr. Jailton Santana de Oliveira e Cleonice Jesus de Oliveira, que sempre me apoiaram durante toda a minha caminhada acadêmica, deram-me bons conselhos e se alegraram em todo tempo com minhas conquistas. Não me cansei de ouvir a minha mãe perguntando diversas vezes: quando você termina esse mestrado? Mãe, enfim, estamos terminando!

Meus agradecimentos também aos meus filhos, Pedro Henrique, de 5 anos de idade, e Bernardo Lucas, de 1 ano de idade, e à minha querida esposa, Leiffa Kallen, que me deu muita força para a realização deste estudo.

Por fim, estendo esse agradecimento a todos os moradores do bairro Pedregal, que acreditaram nesta pesquisa e contribuíram com seus acervos pessoais, recepcionando-nos muito bem durante nosso labor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista aérea do Bairro Pedregal .....	24
Figura 2 – Córrego do Barbado .....	26
Figura 3 – Córrego do Barbado atualmente .....	27
Figura 4 – Bairro Pedregal, década de 1980 .....	28
Figura 5 – Centro Comunitário João Henrique da Costa – imagem da entrada .....	30
Figura 6 – Centro Comunitário João Henrique da Costa – imagem de seu espaço interior .....	30
Figura 7 – Moradores canalizando o esgoto .....	31
Figura 8 – Faixa de agradecimento .....	32
Figura 9 – Moradores canalizando esgoto .....	33
Figura 10 – Seu Nilo, construindo uma fossa .....	33
Figura 11 – Moradores construindo o sistema de esgoto.....	34
Figura 12 – Agressão no Pedregal .....	38
Figura 13 – Agressão no Pedregal .....	39
Figura 14 – Agressão no Pedregal .....	40
Figura 15 – Agressão no Pedregal, em 26 de fevereiro de 1984 .....	41
Figura 16 – Bairro Pedregal, na década de 1990 .....	48
Figura 17 – Bairro Pedregal, na década de 1990 .....	49
Figura 18 – Campo de futebol do Pedregal .....	50
Figura 19 – Estruturas sociais .....	51
Figura 20 – EMEB Dr. Orlando Nigro .....	52
Figura 21 – Jorilda Sabino .....	52
Figura 22 – Nome das ruas .....	56
Figura 23 – Artistas plásticos do Pedregal.....	58
Figura 24 – Artistas plásticos do Pedregal.....	59
Figura 25 – Igrejas do Pedregal .....	60
Figura 26 – Padre Teodoro .....	61
Figura 27 – Igreja Santo Antônio do Pedregal .....	62
Figura 28 – Igreja evangélica Assembleia de Deus .....	62
Figura 29 – Igreja evangélica Assembleia de Deus .....	63
Figura 30 – Feira de domingo no Pedregal .....	64
Figura 31 – Feira na Avenida principal .....	65

Figura 32 – Centro Comunitário .....	65
Figura 33 – Alunos da EMEB Dr. Orlando Nigro .....	66
Figura 34 – Construção da Companhia de Polícia do Pedregal.....	67
Figura 35 – Moção de Congratulação .....	68
Figura 36 – Quadro explicativo 1 .....	73
Figura 37 – Painel do <i>Wondershare Filmora9</i> .....	74
Figura 38 – Título do vídeo .....	75
Figura 39 – Introdução do minidocumentário .....	76
Figura 40 – Informações do bairro .....	78
Figura 41 – Informações do bairro .....	78
Figura 42 – Quadro explicativo 2 .....	79

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

<b>CEMAT</b>	Centrais Elétricas Mato-grossenses
<b>COHAB</b>	Companhia de Habitação Popular do Estado de Mato Grosso
<b>CRAS</b>	Centro de Referência e Assistência Social
<b>EMEB</b>	Escola Municipal de Educação Básica
<b>IOMAT</b>	Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1: PANORAMA HISTÓRICO DA CIDADE DE CUIABÁ E DO BAIRO PEDREGAL</b> .....	20
1.1. O desenvolvimento urbano de Cuiabá .....	20
1.2 Pedregal, a construção do bairro .....	21
1.3 A rotulação de violência do bairro .....	35
<b>CAPÍTULO 2: PEDREGAL, CONSTRUÇÃO E MEMÓRIA</b> .....	47
2.1 A arte no Pedregal .....	56
2.2 A vida religiosa .....	60
2.3 O comércio no bairro .....	64
2.4 Centro comunitário e construção da Companhia de Polícia Militar .....	65
<b>CAPÍTULO 3: ENSINO DE HISTÓRIA E SUA AÇÃO EDUCATIVA</b> .....	70
3.1 A importância do uso das mídias digitais. ....	70
3.2 Construindo o Minidocumentário Pedregal: História e Memória.....	72
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>FONTES</b> .....	84
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85

## INTRODUÇÃO

Pensar o ensino de História, na atualidade, é uma tarefa que exige muita leitura e reflexão, pois o poder de impacto que ela tem numa sociedade é algo surpreendente. Infelizmente, ao longo do tempo, pensando a experiência desse ensino no Brasil, a História foi usada pelos chamados “donos do poder” como um componente curricular cujo principal objetivo era legitimar a permanência deles onde estavam e narrar a história dos chamados heróis, dos grandes personagens e das referências europeias.

Dos padres jesuítas, passando pelos imperadores do Brasil, governo de Vargas, Ditadura Civil–Militar, até chegar aos governos neoliberais e ao atual contexto, a História foi roubada de seu principal objetivo, sendo, por muitas vezes, manipulada, violentada em seus princípios. Não obstante, este trabalho visa a resgatar o valor histórico de uma comunidade que é tratada com invisibilidade em relação aos materiais didáticos, mas que, por outro lado, com frequência, tem como protagonistas em seus noticiários a violência e as tragédias.

Nessa perspectiva, o bairro Pedregal é o objeto deste estudo, bem como a sua formação histórica, as conquistas ao longo dos anos, os lugares de memória e, conseqüentemente, os patrimônios culturais. Conforme já dito, é sabido que esse espaço, estatisticamente, aparece com regularidade em jornais pela violência presente, porém as crianças que frequentam a Escola Municipal de Educação Básica Dr. Orlando Nigro, uma escola local, precisam aprender que fazem parte de uma comunidade que nasceu e se estruturou de maneira sólida e que, a partir desse trabalho, apresentar-se-á para Cuiabá com uma identidade mais convicta.

A proposta deste trabalho insere-se na área de investigação sobre o ensino de História, na linha de pesquisa *Saberes históricos em diferentes espaços de memória*, que desenvolve análises sobre a produção e aprendizagem da História fora do espaço escolar, considerando lugares distintos, como museus, teatros, centros culturais e o espaço urbano geral. Nesse contexto, a História é identificada como prática sociocultural de referência, que apresenta características distintas daquelas observadas no espaço escolar.

Em abril de 2018, pude iniciar uma experiência nova ao lecionar a disciplina de História na rede municipal de educação de Cuiabá, na Escola Municipal de Educação Básica Dr. Orlando Nigro, situada no bairro Pedregal, zona leste de Cuiabá, capital de Mato Grosso.

A escola tem suas atividades funcionais nos períodos matutino e vespertino. No ano de 2018, foram atendidos 813 estudantes, distribuídos da seguinte forma: 217 estudantes no ensino infantil; 502, no Ensino Fundamental I e 94, no ensino fundamental II, sendo que, deste último, somente o 6º ano foi analisado. A escola possui estrutura que permite atender a esses estudantes com laboratório de informática, ainda que não tenha computadores disponíveis para uma sala completa; quadra de esportes coberta; cozinha; banheiro adequado à educação infantil; banheiro acessível aos alunos com deficiência ou com mobilidade reduzida; refeitório e pátio coberto, além de rede *Wi-Fi* disponível aos usuários da dependência escolar. Ademais, tal instituição educacional oferece alimentação escolar para todos seus estudantes, além de atividades complementares.

Tendo já vivenciado a prática de lecionar História em escolas particulares de Cuiabá, percebi um contraste entre a EMEB Dr. Orlando Nigro em relação a outras escolas particulares no que diz respeito à estrutura do prédio (cores, sala, quadro verde, cantina etc.) e aos estudantes (uniforme, comportamento, conhecimento prévio etc.). Com o passar das aulas, pude entender o funcionamento da escola e relacionar, de modo mais próximo, com os estudantes. Diante disso, muitas pessoas me perguntavam em qual escola lecionava e, como resposta, eu citava a EMEB Orlando Nigro, no Pedregal. Entretanto, rapidamente, as pessoas faziam expressões faciais de assustadas, verbalizando que o bairro é perigoso e que os estudantes também seriam. Esse tipo de pensamento é algo que foi sendo construído ao longo do tempo por meio de noticiários, falas e imaginários. Muitas pessoas que residem em Cuiabá formulam conceitos em relação ao bairro Pedregal como sendo somente um lugar de tráfico, violência e mortes, porém muitos nunca “colocaram os pés no bairro”, nunca o visitaram, mas, mesmo assim, compartilham dessas concepções fabricadas. Numa rápida pesquisa ao site de buscas [www.google.com.br](http://www.google.com.br), no link *notícias*, pode-se perceber que, quando digitamos o nome *bairro Pedregal* na pesquisa, verifica-se as mais variadas notícias de página policial, na qual contém diferentes tipos de notícias criminais a respeito dessa localidade. É nítido que os jornais, na maioria das vezes, procuram apenas noticiar os fatos ocorridos, “esquecendo-se” de corrigir eventuais inverdades. Não obstante, isso acaba por influenciar uma análise ou construção negativa do bairro no imaginário da população.

De acordo com o documento referente à evolução urbana de Cuiabá, de dezembro de 2009, do Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano de Cuiabá, o bairro popularmente chamado de Pedregal foi ocupado entre 1971 e 1980. Pressionado pelas

migrações as quais estavam acelerando incontrolavelmente o crescimento urbano de Cuiabá, o governo estadual criou, em 1966, a Companhia de Habitação Popular do Estado de Mato Grosso (Cohab/MT), a fim de estruturar a urbanização da cidade. Por volta de 1968, frente a essa migração acelerada, foram criadas algumas medidas urbanísticas em Cuiabá, dentre elas, destaca-se a construção do terminal rodoviário de Cuiabá, que acabou por desalojar muitas famílias do bairro Quarta-feira, hoje conhecido como Alvorada, e, conseqüentemente, provocou o povoamento onde atualmente é o Pedregal.

Antes de ser reconhecido como um loteamento pela Prefeitura, o local recebeu algumas ocupações no início da década de 1970. Contudo, essas pessoas foram retiradas pelo poder público, visto que, somente em 1976, a área foi liberada pela Prefeitura para o assentamento legal dessas famílias.

Quanto à nomenclatura do lugar, o nome “Santo Antônio do Pedregal” surgiu durante as celebrações das missas que eram realizadas em tendas de lonas, levando em consideração que o povo, em sua maioria, era devoto de Santo Antônio<sup>1</sup>. Além disso, como o lugar era constituído por um barro duro, com muitas pedras, o nome Pedregal foi constituído, servindo de referência ao solo do bairro, como é popularmente conhecido.

Ao longo dos anos, o bairro Pedregal foi se constituindo gradativamente, ganhando construções de alvenaria, saneamento básico, energia elétrica e transporte público para o atendimento de seus moradores, além da EMEB Dr. Orlando Nigro, como uma forma de acesso à educação dos habitantes desse lugar. Muitas de suas ruas ganharam nomes indígenas, tais como: *Macajuba*, *Maricá*, *Maracanã*, *Maraú*, etc. Conversando com alguns moradores da região, não foi possível obter uma resposta sobre os nomes indígenas das ruas, mas, sabendo que o bairro foi sendo estruturado por migrantes, é possível que esses nomes façam referência aos lugares de origem desses indivíduos. Macajuba, por exemplo, é uma cidade baiana e Maricá, por sua vez, é um município do estado do Rio de Janeiro. Na década de 1990 e 2000, o bairro começa a contar com um posto de saúde, um miniestádio, um Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), além da unidade de Companhia de Polícia; sendo estas as principais instituições construídas nesse período e de grande importância para os moradores.

Hoje, o bairro é parcialmente estruturado, localizado no centro de três importantes avenidas da cidade: a Avenida das Torres, a Avenida Arquimedes Pereira Lima e a

---

<sup>1</sup> MORAES, W. de O. **O processo de ocupação ilegal no espaço urbano de Cuiabá, os casos dos bairros Pedregal e Renascer**. Dissertação de Mestrado. UFMT. Cuiabá-MT: 2009, p. 39.



Avenida Dante de Oliveira, ligando-o a todas as outras regiões com grande rapidez. A avenida principal do bairro é um lugar de muitos comércios, fornecendo todos os tipos de produtos, desde tecelagem à alimentação. Suas ruas possuem asfaltos, rede de esgoto, além de iluminação pública. O local é praticamente todo habitado, com poucos terrenos baldios. Há áreas de lazer, como o miniestádio e um projeto de construção de uma praça para atender à população. O centro comunitário é um dos lugares que organizam festas, reuniões, palestras e ações da comunidade. Dentro do bairro, existe o CRAS, que tem como objetivo atender às famílias em situação de vulnerabilidade que possam precisar de auxílio social. Além disso, esse Centro fica responsável por transmitir as orientações necessárias para o cumprimento das condicionalidades do Programa Federal Bolsa Família, a atualização cadastral, a frequência escolar das crianças e adolescentes da comunidade, bem como o acompanhamento da saúde desses alunos. Essa localidade conquistou significativo valor econômico ao longo dos anos, porém ainda é visto como um lugar de violência e tráfico de drogas.

Diante dessa perspectiva, resolvi fazer um trabalho que pudesse servir de modelo ou inspiração para outros professores, pois irei trabalhar o patrimônio cultural do bairro Pedregal, destacando sua construção histórica, suas conquistas, seus lugares de memória e a identidade desses moradores. De acordo com os objetivos do presente trabalho, é importante, inclusive, para desconstruir uma identidade imposta de que o bairro é somente um lugar de violência e construir uma memória e nova identidade do bairro por meio dos próprios personagens residentes e lugares de memória que o bairro ergueu ao longo do tempo.

A história local tem um papel importante para se trabalhar o bairro Pedregal, pois ela é constituída de processos identitários e agregadores para poder viver num mundo cada vez mais globalizado, carregando, em seu bojo, a memória e os diferentes processos de construção de um bairro. A respeito disso, Carlos Henrique Farias de Barros explica que:

A História local é entendida como uma modalidade de estudos históricos que contribuiu para a construção dos processos interpretativos sobre as formas como os atores sociais se constituem historicamente em seus modos de viver, situados em espaços que são socialmente construídos e repensados pelo poder político e econômico na forma estrutural de “bairros e cidades”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> BARROS, C. H. F. Ensino de História, Memória e História Local. **Revista de História da UEG**, v. 3, 2013. p. 315.

Assim, a história local tem sua ligação a um espaço geográfico formado por vários atores, em que pessoas comuns acabam participando de um processo histórico por meio da chamada História do Cotidiano, haja vista que suas ações refletem tanto em sua comunidade como se perpetuam no tempo. O ensino da história local configura-se como um espaço no qual o local e o presente são referentes para o processo de construção de identidade<sup>3</sup>.

Ainda sobre tal concepção histórica, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – também conhecida como Lei Darcy Ribeiro como homenagem póstuma ao Senador Darcy Ribeiro, um dos principais responsáveis por sua edição —, em dezembro de 1996, traz a seguinte abordagem sobre o ensino da história local:

Art. 26 - Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.<sup>4</sup>

Diante do exposto, formar uma nação parte do princípio das identidades regionais e locais, visto que, nesses espaços, se pode construir com mais rapidez essas identidades na vida das crianças. Por isso, levantar dados históricos e bibliográficos dentro do bairro e poder, posteriormente, com esses resultados, criar um minidocumentário, *Pedregal: História e Memória*, e trabalhar com as crianças do ensino fundamental I e II sobre o processo de construção e os lugares de memória do bairro será de suma importância para desmistificar a fama do bairro de ser violento e ponto de tráfico de drogas. Para isso, o trabalho terá como fio condutor a educação patrimonial.

Os patrimônios culturais locais são muito importantes para mostrar a construção da memória, porém aspectos como os traçados das ruas, os comércios locais, as brincadeiras das crianças nos fins de tarde, as áreas de lazer, as construções das casas são elementos capazes de trazer à memória lembranças de uma construção de identidade e pertencimento àquele bairro. A importância da história local neste projeto possibilita a abordagem de novos objetos, por exemplo, uma simples rua que recebera asfalto por luta de seus moradores.

---

<sup>3</sup> BARROS, C. H. F. Ensino de História, Memória e História Local. *Revista de História da UEG*, v. 3, 2013. p. 316.

<sup>4</sup> BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n.º 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996.

Esse tipo de história possibilita às pessoas interagirem com o meio no qual estão inseridas e que habitarão por anos. Passar em frente a um mercado e se lembrar dos tempos de criança ou até mesmo narrar aos filhos que foi participante da construção da igreja, do posto de saúde ou estudou na escola do bairro são abordagens que serão valorizadas pela história local.

Portanto, será analisado o período de 1970 a 2019 da cidade de Cuiabá, no qual está inserido o bairro Pedregal, desde sua fundação até os dias atuais. Partindo de uma história regional, poder-se-á perceber a ligação da capital do estado de Mato Grosso com a história local do bairro.

Nesse sentido, o estudo será estruturado em três partes. O primeiro capítulo, denominado *Panorama histórico de Cuiabá e do bairro Pedregal*, tratará de um panorama histórico da cidade de Cuiabá e do bairro Pedregal, que, desde 1975, tem sido construído por seus moradores. Nesse primeiro momento, será mostrado, por meio de imagens e documentos, como o bairro foi se estruturando e ganhando a infraestrutura que tem hoje. Também, abordar-se-á nesse capítulo a questão da violência do bairro, que, a partir das décadas de 70 e 80 até os dias atuais, vem sendo anunciada nos jornais da capital. Numa entrevista com alunos do 6º ano da EMEB Dr. Orlando Nigro, pude ver qual é a visão que eles possuem do bairro e como seus amigos e parentes, residentes em outros locais, veem o Pedregal.

No segundo capítulo, *Pedregal: história e memória*, serão abordados sobre os lugares de memória que o bairro possui e que, em muitos casos, não é dada a devida importância, como uma rua que fora asfaltada, o Centro Comunitário, o campo de futebol etc. Não somente é tratado a respeito dos bens de patrimônio, como também os patrimônios culturais, a exemplo de alguns ex-moradores do bairro, que, de certa forma, contribuíram para o enriquecimento histórico do local. Além disso, será feita uma reflexão sobre a arte no Pedregal, com os chamados *meninos do Pedregal* e o artista Sebastião Silva; a vida religiosa, com as igrejas Santo Antônio do Pedregal e Assembleia de Deus e uma discussão a respeito da relação comercial, por exemplo, a feira, o Centro Comunitário e a Companhia de Polícia.

No terceiro capítulo, a abordagem será sobre *o Ensino de História e sua ação educativa*. Nessa parte, foi trabalhado o produto, no caso, um minidocumentário em que serão apresentados a história da formação e conquistas do bairro, seus lugares de memória e patrimônios culturais. Esse produto deverá, ao final, ficar à disposição da escola do

bairro, bem como da Associação de Moradores, a fim de contribuir para a formação de uma educação patrimonial.

O minidocumentário foi produzido por meio do software *WondershareFilmora9*, um editor de vídeo que realizou todo o trabalho de edição. Para tal atividade, foram selecionadas as imagens coletadas junto aos moradores, as quais são importantes no processo dessa narrativa histórica. Nessa terceira parte do projeto, foi realizado um tutorial para que outros professores possam se beneficiar com esse projeto, por exemplo, para possíveis trabalhos similares, além de explorar sobre a importância de se usar vídeos em sala de aula durante o processo de ensino-aprendizagem.

Com essa pequena produção, pretendo abordar, de forma multicultural, o ensino de História, conforme a concepção dos autores Silva e Fonseca, os quais defendem que:

O professor nesse contexto multicultural, “deve” estar além dos territórios e dos limites que o saber especializado representa no contexto da escola. Assim, “deve” ter a capacidade de interdisciplinarizar, de integrar, de incluir em contextos específicos os sujeitos e os saberes dos excluídos: negros, índios, pobres, homossexuais, portadores de deficiências físicas, mentais e outros.<sup>5</sup>

Pode-se perceber que o ensino de História tem suas dificuldades e que o professor de História deve transpor essas barreiras e procurar a projeção de um ensino capaz de ir além do que está nos livros didáticos, verificando, por exemplo, o contexto no qual está inserido, para assim poder fazer um trabalho de inclusão dos sujeitos com a teoria. Ter a capacidade de observar o contexto no qual os estudantes estão inseridos é um passo importante para o professor conseguir, como dizem Silva e Fonseca, estar além dos territórios e dos limites. Levar os estudantes a observar seu bairro, as ruas que eles passam todos os dias, o comércio onde fazem compras, os moradores idosos que habitam o caminho que percorrem ao irem a escola é poder interiorizar o ensino de História na vida desses indivíduos e, conseqüentemente, despertar a consciência histórica dentro de si.

Este trabalho visa exatamente à oportunidade de observação do contexto social em que a EMEB Dr. Orlando Nigro está inserida e o público que ela atende. Sabendo desse contexto social do bairro e dos estudantes da referida escola, pode-se então buscar um ensino de inclusão da comunidade escolar. Pode-se entender que a História, como

---

<sup>5</sup> SILVA, M.; FONSECA, S. G. **Ensinar História no século XXI**: Em busca do tempo entendido. Campinas-SP: Papirus, 2007. p. 45.

disciplina ensinável, é capaz tanto de mostrar a realidade e despertar a criticidade nos estudantes quanto é também possível conduzir ao silenciamento, quando usada em benefício de um determinado grupo.

Nos critérios de avaliação de História para o primeiro ciclo, o PCN destaca que o estudante deve reconhecer algumas semelhanças e diferenças no modo de viver dos indivíduos e dos grupos sociais em que ele está inserido no tempo e no espaço. Por meio disso, o estudante será capaz de projetar sua realidade numa dimensão histórica, identificando a participação de diferentes sujeitos, obras e acontecimentos em sua localidade.

Portanto, construir uma narrativa do bairro, por meio dos lugares de memória, permitindo a validação de uma identidade desenvolvida nos patrimônios culturais existentes em diferentes lugares do bairro, constitui-se como finalidade do presente trabalho, que também trará um produto — o minidocumentário — como elemento de construção da consciência histórica na vida de cada estudante.

## **CAPÍTULO I – PANORAMA HISTÓRICO DA CIDADE DE CUIABÁ E DO BAIRRO PEDREGAL**

Neste capítulo, discorrerei sobre o surgimento do bairro Pedregal e sua relação com a violência veiculada pela mídia ao longo dos anos. Além disso, será mostrada a evolução sofrida por essa localidade ao longo das décadas e suas conquistas relacionadas à infraestrutura.

### **1.1 O desenvolvimento urbano de Cuiabá**

Para trazermos um pouco do desenvolvimento urbano de Cuiabá e sua ligação com o surgimento do bairro Pedregal, fiz um recorte temporal a partir de meados da década de 1960 e 1970, período este com significativo fluxo migratório para Mato Grosso, afetando a cidade de Cuiabá, que acaba por deixar de ser uma cidade em “fim de linha” e passa a assumir a posição de medianeira urbana do projeto de integração nacional da “Amazônia meridional.”<sup>6</sup> Esse período é justamente marcado pelo crescimento populacional acelerado de Cuiabá, bem como a ocupação de terrenos por migrantes, acarretando, assim, o surgimento de vários bairros, inclusive, o Santo Antônio do Pedregal, popularmente conhecido como Pedregal, objeto deste estudo.

O Bairro Pedregal está localizado na capital do estado de Mato Grosso: Cuiabá. Essa cidade tem como marco de sua fundação o ano de 1719, porém, anos antes, os bandeirantes paulistas já haviam estado em território mato-grossense. Durante o século XVII, a América portuguesa passou a ter um novo tipo de empreendimento, as chamadas bandeiras. Sobre isso, Marcos Amaral Mendes afirma que “As bandeiras foram expedições que percorreram o interior do Brasil a partir do século XII, com o objetivo de procurar as riquezas minerais não encontradas no litoral e aprisionar índios para trabalharem como escravos”<sup>7</sup>.

Segundo a historiadora Elizabeth Madureira Siqueira, entre os anos de 1673 e 1682, os bandeirantes paulistas, Manoel de Campos Bicudo e Bartolomeu Bueno da Silva,

---

<sup>6</sup> CUIABÁ, Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Composição dos bairros de Cuiabá**. Data base: dezembro de 2009. IPDU Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá-MT: 2010. p. 17.

<sup>7</sup> MENDES, M. A. **História e Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: Cafarnaum, 2015. p. 15.

acamparam-se às margens do rio Cuiabá com o afluente Coxipó-Mirim, denominando o local como São Gonçalo. Anos mais tarde, no final de 1717, seguindo o mesmo caminho do pai, Antônio Pires de Campos chegou ao mesmo local, rebatizando-o de São Gonçalo Velho<sup>8</sup>.

Além de buscar ouro, os bandeirantes paulistas continuavam a desempenhar a atividade de apresamento indígena, no intento de vender os índios como escravos em São Vicente. Em 1719, depois de uma violenta guerra contra os índios *Coxiponés* — nome dado pelos bandeirantes — e de terem tido várias baixas, os bandeirantes, liderados por Pascoal Moreira Cabral, voltaram ao Arraial de São Gonçalo Velho, onde haviam deixado alguns homens acampados. Logo após uma das refeições, alguns homens foram lavar seus pratos às margens do rio Coxipó-Mirim, quando se depararam com pepitas de ouro. Essa foi a primeira mina descoberta em território mato-grossense, no ano de 1719, que atraiu muitas pessoas para Cuiabá, assim que a notícia se espalhou por toda região, chegando à Vila de São Paulo. A princípio, Pascoal Moreira Cabral ficou à frente dos trabalhos administrativos e fiscais do Arraial, sendo, por fim, nomeado oficialmente somente em 1723, pelo Capitão-General da Capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes. Em 1721, foi descoberta outra mina, que deu origem ao Arraial da Forquilha e, posteriormente, o sorocabano Miguel Sutil de Oliveira, com ajuda indígena, encontrou a terceira jazida aurífera em Mato Grosso, situada no leito do córrego chamado Prainha, afluente do rio Cuiabá.

Como registro histórico, o governador de São Paulo solicitou que fosse confeccionada uma Ata de Fundação do descobrimento das novas minas, porém, mesmo sendo confeccionada anos depois, ficou registrada como sendo a de fundação a data de 8 de abril de 1719. Em 1º de janeiro de 1727, o arraial de Cuiabá é elevado à categoria de Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá, que visava a legitimar a autoridade portuguesa sobre esses sertões<sup>9</sup>. Nessa data, foi o governador Rodrigo César de Menezes que deu início ao controle administrativo-fiscal da zona mineradora.

Em 1818, Cuiabá foi elevada à categoria de cidade e, mais de um século depois, em 1836, foi declarada oficialmente como capital da província de Mato Grosso, fato que foi decisivo para a configuração e fixação das características urbanísticas que ainda

---

<sup>8</sup> SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002. p. 30.

<sup>9</sup> MENDES, M. A. **História e Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá: Cafarnaum, 2015. p. 18.

perpetuam, como a construção dos edifícios públicos, que tornaram o desenho urbano mais nítido. Esse movimento urbanístico foi importante para que a cidade ganhasse as características de metrópole que tem hoje.

Já em meados do século XX, com a construção de Brasília, a região Centro-Oeste sofreu forte impulso desenvolvimentista, em que Cuiabá tornou-se um importante centro de captação e distribuição de recursos para as áreas agricultáveis e as de expansão da bovinocultura no estado de Mato Grosso<sup>10</sup>. Quando ocorreu o início da construção da rodovia Cuiabá–Porto Velho, começaram a chegar à região de Cuiabá as primeiras migrações. Pressionada por esses movimentos que começaram a acelerar o crescimento urbano de Cuiabá, surge a Companhia de Habitação Popular do Estado de Mato Grosso (Cohab/MT), criada por autorização da Lei n.º 2.408, de 28 de junho de 1965, que tinha como responsabilidade a construção de núcleos habitacionais populares, órgão esse que foi extinto pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso, por força da Lei n.º 6.763, de 02 de abril de 1996.

De acordo com Márcia Bomfim<sup>11</sup>, a população de Cuiabá, em 1960, era de 57.860 habitantes. Dez anos depois, em 1970, o número havia subido para 100.707 habitantes. Cuiabá sofreu um impacto muito grande em sua estrutura urbanística, pois, a partir desse período, as diversas invasões que ocorreriam na capital nos próximos anos chamariam atenção do poder público.

No jornal *O Estado de Mato Grosso*, foi publicada na primeira página, uma matéria no dia 5 de maio de 1972, que expressou claramente os anos 70 e suas características. A disparada do Eldorado, como tratava tal periódico, tinha a seguinte perspectiva:

O Oeste brasileiro dispara no rumo do desenvolvimento. Mato Grosso ressurgiu como um imenso Eldorado. O Prodoeste começa a ser implantado e o terceiro maior Estado da Federação, com os seus 1.231.549 km<sup>2</sup>, representando 14,47% do território nacional, não vai perder a chance de progresso, que reúne em torno de si o trabalho de técnicos nos setores de produção.

---

<sup>10</sup> CUIABÁ, Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Composição dos bairros de Cuiabá**. Data base: dezembro de 2009. IPDU Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá-MT: 2010. p. 17.

<sup>11</sup> BOMFIM, M. **As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX**. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010. p. 97.



O jornal traz uma importante informação: o otimismo em relação ao progresso era visto com grande expectativa pela imprensa, inclusive, chamando Mato Grosso de Eldorado, um lugar de riqueza, apresentando um novo tempo para o estado. A matéria ainda ressalta que Mato Grosso não iria perder a chance de um progresso, o qual trouxe benefícios, mas também agregou problemas, sobretudo, no grande contingente de pessoas que entraram no estado a partir da década mencionada.

Devido a esse aumento populacional, surgiu na imprensa da época um discurso de que necessitava de mais recursos financeiros para solucionar tais questões<sup>12</sup>. Se, por um lado, Cuiabá passava pela modernização e se beneficiava com a construção de Brasília e a mudança do seu status quo, por outro, a entrada de várias pessoas era motivo de preocupação. Cabia, dessa forma, ao poder público tentar disciplinar os cidadãos, pois eram cada vez mais corriqueiras as chamadas “invasões” ou grilagens de terras na cidade. Famílias inteiras ocupavam terrenos, erguiam seus barracos com lonas e ali se alojavam até serem despejadas. Caso não fossem despejadas, as famílias logo tratavam de buscar melhorias em suas moradias, abandonando as lonas, erguendo construções de madeiras com telhas de fibrocimento, de Eternit. Situações essas que já presenciamos outrora, mais precisamente nas décadas de 80 e 90, em alguns bairros de Cuiabá, que atualmente já se encontram estabelecidos como: Três Barras, Jardim Umuarama, Altos da Glória, Dr. Fábio e Altos da Serra. A década de 1970 é o contexto em que surgem as primeiras ocupações que dariam continuidade na transformação do bairro Pedregal.

## **1.2 Pedregal, a construção do bairro**

É nesse contexto de migrações, modernização e crescimento populacional que irá surgir o bairro denominado Santo Antônio do Pedregal, conhecido popularmente como Pedregal. Esse bairro está localizado na região Leste de Cuiabá, a 5 quilômetros do centro da capital, envolto de bairros nobres, como o Jardim Itália, Bosque da Saúde, Jardim Guanabara e Jardim América. Possui três importantes avenidas como referência: a Avenida Jornalista Arquimedes Pereira Lima, a Avenida Dante Martins de Oliveira e a

---

<sup>12</sup> BOMFIM, M. **As engrenagens da cidade**: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010. p. 98.

mais recente construção, a Avenida das Torres, conforme podemos ver na imagem de satélite extraída do *Google Maps*:

Figura 1 – Vista aérea do Bairro Pedregal



Fonte: *Google Maps*<sup>13</sup>.

Conforme narrado anteriormente, Cuiabá não tinha, na década de 1970, moradias disponíveis para absorver a quantidade de migrantes que desembarcavam na capital, gerando transtornos para o governo, que precisava tomar medidas para abrigar esses grupos de pessoas. Nesse período, terrenos que estavam nos arredores do perímetro urbano foram ocupados por algumas famílias. Algumas delas ocuparam as terras de um senhor chamado Orlando Nigro, surgindo, então, o bairro Pedregal.

As ocupações eram espontâneas, já que as pessoas ficavam sabendo dessas terras e para lá se aventuravam, construindo seus barracos de lona e demarcando seu espaço. O poder público tomava suas medidas, a fim de retirar os invasores do local, porém era difícil, visto que eles sempre voltavam com um famoso ditado popular: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, expressando a persistência dessas famílias. Nas palavras de Silvia Maria N. P. Garcia, esse fato é compreendido da seguinte maneira:

---

<sup>13</sup> Disponível para acesso no site: <https://www.google.com.br/maps/preview>.

Cuiabá, como capital do Estado de Mato Grosso, não estava estruturada para receber tamanho contingente, e os problemas urbanos sofridos pelas grandes cidades surgiram e se agravaram de forma rápida. Durante a década de 1970, era difícil encontrar habitação disponível, tanto na capital, como na vizinha, Várzea Grande. Faltava tudo, desde infraestrutura (água, luz, pavimentação...), equipamentos públicos e serviços (escolas, hospitais, creches). As pessoas, especialmente as mais humildes, se instalaram em loteamentos clandestinos, em áreas “griladas”, em áreas de preservação permanente e em terras públicas.<sup>14</sup>

É nítido que a cidade sofria os efeitos do crescimento contingencial. A dificuldade de se encontrar moradia, na década de 1970, provocava a instalação das famílias de baixa renda em loteamentos clandestinos, ocupando espaços que, mais tarde, tornar-se-iam regularizados pelo governo face aos problemas que enfrentara Cuiabá nesse período.

Antes de se fixarem no Pedregal, esses moradores passaram por uma grande mobilidade dentro da própria cidade, transitando por vários bairros: Dom Aquino, Barro Duro, Quarta-Feira, Araés etc. Nesses bairros, esses moradores pagavam aluguel, sendo que alguns deles possuíam casas próprias em seus estados de origem. Muito dos barracos construídos foram na prática da autoconstrução, empregando material como madeira, papelão e lona.

Em paralelo a esse acontecimento, no antigo bairro Quarta-Feira, hoje denominado Alvorada, estava ocorrendo um processo de desapropriação, visto que, na área, iria se construir a nova Rodoviária de Cuiabá, que teve sua obra iniciada em 1976. Conforme notícia veiculada no jornal *O Estado de Mato Grosso*, em 23 de setembro de 1976, os estudos sobre a nova rodoviária de Cuiabá já estavam concluídos, cuja área selecionada era de 25 hectares, localizada no bairro Quarta-Feira, por apresentar maiores vantagens ao projeto. Algumas famílias que ali residiam foram transferidas pelo poder público ao emergente bairro Pedregal, recebendo, por parte do governo, um loteamento e as madeiras para construir suas casas. Podemos verificar que, no bairro Santo Antônio do Pedregal, houve dois tipos de apropriação: o primeiro, por ocupação, e o segundo, por doação de terrenos por parte da Prefeitura Municipal de Cuiabá, no intuito de acomodar a população carente que foi desapropriada. Nesse período, em Cuiabá, havia um forte movimento de ocupação de áreas que, até então, não interessavam ao poder público. Esses movimentos ocorriam em áreas periféricas, distantes de bairros considerados nobres. Essas camadas populares que acabavam por ocupar ou se deslocar a essas áreas periféricas

---

<sup>14</sup> GARCIA, S. M. N. P. **Os planos diretores e o planejamento urbano no aglomerado Cuiabá/Várzea Grande – MT.** Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo: 2010. p. 19.

são o contraste do que era chamado de modernização no período. No entendimento político e social da época, modernizar uma cidade significava excluir as camadas populares, pois elas não trariam benefícios econômicos e sociais para o local.

O surgimento do Pedregal associa-se à imagem a seguir:

Figura 2 – Córrego do Barbado



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos<sup>15</sup>.

A imagem retrata o conhecido Córrego do Barbado. Um córrego que, nas décadas de 70 e 80, foi muito importante no processo de ocupação do Pedregal e de outros bairros adjacentes que foram surgindo, lembrando um pouco das sociedades hidráulicas, tais como: Egito, com o rio Nilo; a Mesopotâmia, com os rios Tigres e Eufrates ou a China, com o rio Amarelo. Os córregos, embora fossem pequenos, eram importantes para a construção de um bairro, pois, ao olhar para a construção de um bairro na década de 70, podemos perceber o valor que esse córrego teve na vida daqueles moradores, uma vez que as famílias dependiam exclusivamente das águas limpas que esse córrego oferecia para sobreviver. Num tempo em que água encanada era privilégio de poucos, os córregos serviam para que os moradores adjacentes pudessem beber a água deles emanada, pois as bicas ficavam somente nas áreas centrais, como também para lavar roupas, tomar banho, tanto por necessidade — levando a água em balde até seus barracos — quanto por lazer, desfrutando desses córregos. No caso do Córrego do Barbado, há relatos que havia uma

---

<sup>15</sup> A foto retrata como era o Córrego do Barbado nas décadas de 70 e 80.

fonte de água próximo a ele que fornecia água mineral para hidratação aos primeiros habitantes do bairro Pedregal.

É bem verdade que o Córrego do Barbado oferecia alimentos, como peixes aos moradores. A relação homem-natureza é de suma importância no processo de fixação em um lugar. Foi assim desde a Pré-história, em que o homem usufruía dos diversos recursos que a natureza poderia oferecê-lo.

Quando se trabalha as sociedades antigas, como o Egito, a Mesopotâmia, a China e a Índia, é a praxe fazer referências aos seus importantes sistemas hidráulicos. Imaginando uma aula de 6º ano na EMEB Dr. Orlando Nigro, na qual se estuda essas sociedades, podemos fazer uma contextualização com o rio Cuiabá e o início de nossa cidade. Sendo assim, analisar o surgimento de um bairro, por meio de um córrego, dentro do ensino de História, torna a aula mais interessante e dialoga com a realidade que eles vivem, pois saber da importância do Córrego do Barbado para a fundação de seu bairro é conseguir despertar nas crianças o sentimento de pertencimento e, até mesmo, de sujeito histórico.

Figura 3 – Córrego do Barbado atualmente



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

Como se pode ver na Figura 3, infelizmente, a importância do Córrego do Barbado para o Pedregal ficou somente nas lembranças de seus moradores antigos, assim como vários córregos que perpassam a cidade de Cuiabá, pois hoje não passa de um esgoto a céu aberto, in natura e sem canalização, inclusive, marcando a insignificância do bairro

perante o poder público, pois, em outras localidades nobres, que possuem parte do curso das águas do Córrego do Barbado, como o Jardim das Américas e Jardim Petrópolis, ele é todo canalizado.

Como todo bairro novo, o Pedregal, quando de seu surgimento, não contava com uma infraestrutura adequada nem com equipamentos urbanos. Nas figuras seguintes podemos constatar essa informação por meio de algumas imagens:

Figura 4 – Bairro Pedregal, década de 1980



Fonte: acervo pessoal do Presidente do bairro Pedregal, Sr. Zezinho.

A Figura 4 mostra um pouco sobre a ausência de infraestrutura que o bairro apresentava na década de 1980, com casas de alvenaria bem distintas das que são encontradas nos dias atuais. Podemos ver também uma bananeira, o que mostra a importância do plantio de algumas espécies de frutas nos terrenos. Contemplamos ainda um grande espaço aberto, algo que já não existe mais no bairro. A falta de asfalto e saneamento básico eram visíveis, mas, nesse período, o bairro já contava com a rede de energia elétrica, que chegara no final da década de 1970, conforme informações da Superintendência de Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso (IOMAT), no Diário Oficial de 3 de maio de 1978, com um edital publicado pelas Centrais Elétricas Matogrossenses (CEMAT):

As Centrais Elétricas Matogrossenses S.A. – CEMAT, comunica às firmas cadastradas que receberá até às 10:00 horas, do dia 21 de março

de 1978, na sala do Departamento de Abastecimento, à Rua Manoel dos Santos Coimbra, 184, nesta Capital, propostas para a Implantação da Rede Elétrica de Distribuição no Bairro de Santo Antônio do Pedregal em Cuiabá.

Evidencia-se, assim, que o bairro começou a evoluir, ganhando uma infraestrutura adequada para a vida moderna, nesse caso, a energia elétrica. Consequentemente, o bairro adquiriu outro elemento importante em sua infraestrutura, a água canalizada, visto que, antes, os moradores usufruíam das águas do Córrego do Barbado que contornavam parte do bairro, para tomarem banho, lavarem roupas e demais usos domésticos diários, conforme já relatado.

Em 6 de novembro de 1978, o governo anunciou, por meio do *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*, que concluiu as obras de canalização de água no bairro Santo Antônio do Pedregal. No mesmo ano, é publicado, no *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*, o extrato do estatuto da Associação de Moradores do bairro Pedregal. Composto por três artigos, tal documento chama a atenção, em seu artigo 3º, sobre as finalidades da Associação de moradores, que visa a promover a autodeterminação dos moradores e a desenvolver o espírito comunitário. A Associação estava preocupada em construir seu futuro a partir das decisões que tomariam entre si, de forma coletiva. Essas decisões foram fundamentais para que o bairro fosse modernizado ao longo dos anos e ganhasse novos rumos na cidade, contando com conquistas extremamente importantes, como a construção da Escola Municipal Dr. Orlando Nigro, o Centro Comunitário, a Creche Comunitária do Pedregal, o Centro de Referência e Assistência Social (CRAS) e a Base Comunitária de Segurança. O desenvolvimento do espírito comunitário foi visivelmente construído e exercido a partir dessas conquistas.

Figura 5 – Centro Comunitário João Henrique da Costa – imagem da entrada



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

Figura 6 – Centro Comunitário João Henrique da Costa – imagem de seu espaço interior



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

O Centro Comunitário João Henrique da Costa é um importante espaço no bairro Pedregal, pois nele são organizados vários eventos para a população, tais como, Dia das Mães, Dia das Crianças, Dia dos Pais, além do encontro dos idosos todas as terças-feiras. Como se verifica nas imagens, o Centro Comunitário está precisando de reformas



urgentes, a exemplo da pintura de todo o espaço, que já perpassa mais de uma década. Se levarmos em contato o quão esse espaço social é importante para a comunidade, podemos, infelizmente, lamentar a ausência do olhar do poder público para esse local. No próximo capítulo, tratarei com mais detalhes sobre a importância desse Centro Comunitário para os moradores locais.

Nas imagens que seguem, podemos observar a participação dos moradores do bairro na construção da rede de esgoto. O terceiro homem da direita para a esquerda é o ex-vereador Ivan Luiz Evangelista, que recebeu agradecimentos da população por ter ajudado na canalização do esgoto junto à Prefeitura Municipal de Cuiabá no início dos anos 2000.

Figura 7 – Moradores canalizando o esgoto



Fonte: acervo pessoal do Presidente do bairro Pedregal, Sr. Zezinho.

A canalização do sistema de esgoto trouxe benefícios para a população e isso é muito memorável, pois se trata de uma conquista coletiva junto ao poder público. Podemos perceber que o bairro foi modernizando-se pelas conquistas dos próprios moradores. Atualmente, é comum vermos imobiliárias e grandes construtoras vendendo apartamentos e, até mesmo, casas em condomínio fechado com estrutura completa, mas poder olhar para um bairro que foi crescendo pelas lutas de sua população é algo que nos faz refletir sobre a construção da identidade e cidadania cultural do local. A memória de

conquistas traz para a comunidade um sentimento de pertencimento, o que acaba por unir o bairro cada vez mais em propósitos comuns. Com o passar dos anos, essas memórias podem se perder e serem esquecidas comunitariamente. O ensino de História é muito relevante para trazer de volta à memória da comunidade as suas conquistas e a sua formação.

Figura 8 – Faixa de agradecimento



Fonte: acervo pessoal do Presidente do bairro Pedregal, Sr. Zezinho.

Na Figura 8, vemos o cartaz com o nome em destaque do vereador Ivan Evangelista, que, em parceria com a comunidade, lutaram pela canalização de esgoto. É mais um atestado da participação ativa da população local na construção de seu bairro, por meio das suas conquistas junto ao poder público.

Figura 9 – Moradores canalizando esgoto



Fonte: acervo pessoal do Presidente do bairro Pedregal, Sr. Zezinho.

Os moradores participavam ativamente, com muito empenho e força de vontade, para que a obra de canalização fosse concluída com sucesso, como se pode perceber na figura 9 acima.

Figura 10 – Seu Nilo, construindo uma fossa



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos.

A Figura 10 mostra seu Nilo, antigo morador do bairro, construindo uma fossa maior, para depois jogar o esgoto nas futuras instalações. Pode-se ver ainda, ao fundo, as manilhas adquiridas pelos próprios moradores. Além disso, observa-se que, em meados da década de 90, nem todas as ruas do bairro eram asfaltadas.

Figura 11 – Moradores construindo o sistema de esgoto



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos.

Na Figura 11, alguns moradores estão trabalhando na construção do sistema de esgoto do bairro, que, posteriormente, seria jogado no Córrego do Barbado para ser escoado até o rio Cuiabá. É possível observar que as águas do córrego já estão com uma coloração preta, possivelmente contaminada pelo esgoto que já provinha de bairros localizados antes do Pedregal, por onde o córrego perpassava. Há também um homem dentro da vala, local em que seriam colocadas as manilhas de concreto que levariam o esgoto das casas até o córrego. Ademais, algumas crianças estão brincando em meio à construção. Ao fundo, vemos uma área de mata, onde se encontra hoje o bairro Renascer, que faz divisa com o Pedregal, do outro lado do córrego.

Atualmente, o bairro é parcialmente estruturado, localizado em meio a três importantes avenidas da cidade (conforme mencionado anteriormente), ligando o bairro a outras regiões com grande rapidez. A avenida principal do bairro é um lugar de muitos comércios de diversos segmentos, desde tecelagem à alimentação. Suas ruas possuem

asfaltos, rede de esgoto, além de iluminação pública. O local é praticamente todo habitado, com poucos terrenos baldios. Há áreas de lazer, como o miniestádio e um projeto de construção de uma praça para atender à população. O Centro Comunitário é um dos lugares de organização de festas, reuniões, palestras e ações da comunidade. Dentro do bairro, existe o Centro de Referência e Assistência Social, que tem como objetivo atender às famílias em situação de vulnerabilidade, que possam vir a precisar de auxílio social. Além disso, o CRAS fica responsável de transmitir as orientações necessárias para o cumprimento das condicionalidades do Programa Federal Bolsa Família, a atualização cadastral, a frequência escolar das crianças e adolescentes da comunidade, bem como o acompanhamento da saúde delas. O bairro se valorizou economicamente ao longo dos anos, porém ainda é visto como um lugar de violência e tráfico de drogas.

### **1.3 A rotulação de violência do bairro**

Como todo bairro novo, o Pedregal também sofria com os problemas de violência, que crescia consideravelmente na capital à época. Como dito antes, a cidade de Cuiabá recebeu, entre as décadas de 1970 e 1980, um grande contingente populacional, esse fato, atrelado às ocupações e surgimento de novos bairros periféricos, foi motivo de preocupação por parte do governo. Em 1977, o “favelamento” de Cuiabá foi debatido na Câmara Municipal, de acordo com a notícia:

[...] conforme assinalou o assessor de imprensa da Câmara Municipal de Cuiabá, foi debatido esta semana vários problemas existentes na cidade, relacionados ao favelamento, flagelados, índice de criminalidade, abandono a ruas, condições de trafegabilidade, código de obras, bem como o provimento de Escolas Domésticas nos bairros. As localidades de São João dos Lázarus, Santo Antônio do Pedregal, Santa Isabel, Canjica e Aldeia, foram apontadas como as principais áreas-problemas da Capital.<sup>16</sup>

Percebe-se que os jornais tratavam essas ocupações como “favelamento” e seus moradores como pessoas flageladas. Essas ocupações trouxeram várias consequências à

---

<sup>16</sup> Notícia veiculada no Jornal *O Estado de Mato Grosso*, de 12 de novembro de 1977.

cidade, desde problemas com saúde até os relacionados à violência. Ainda no periódico, a matéria traz o seguinte:

Da noite para o dia surgem favelas onde antes só havia mato, que logo as transforma em bairros. O presidente da Câmara Municipal, Benedito Alves Ferraz, acha que há cerca de cinco mil famílias faveladas ao redor e dentro de Cuiabá. A maior tarefa da Prefeitura é levar a essas comunidades serviços urbanos – pelo menos água, luz e escola.<sup>17</sup>

Os problemas eram muitos, de sorte, o governo precisava intervir, pois não poderia deixar essas famílias à margem da sociedade. Como disse o periódico, da noite para o dia, surgiam favelas em Cuiabá e, junto a elas, várias consequências. É de se pensar que nenhuma ocupação ocorre bruscamente, sem antes ocorrer uma série de eventos que levam essas pessoas à periferia de uma cidade. Podemos elencar a pobreza, a desocupação, a migração e a modernização de centros urbanos como fatores que levam a população mais carente a essas zonas da cidade. Na década de 1980, o termo favela era muito comum para se referir a esses aglomerados que surgiam na cidade. Analisando algumas fontes utilizadas neste trabalho, trago como destaque uma notícia de jornal a respeito de uma moça que era moradora do Pedregal. Jorilda Sabino era uma adolescente de 13 anos e participou da 59ª Corrida de São Silvestre. A moça conseguiu um feito ao correr descalça todo o percurso e chegar em 2º lugar, desbancando atletas experientes, ganhando o apelido de “cinderela negra”. Em 17 de janeiro de 1984, o *Jornal do Dia* publicou uma matéria sobre a atleta:

Jorilda mora em um pequeno barraco de tábuas, no bairro Santo Antônio do Pedregal (a três quilômetros da Universidade) e fica muito triste quando a chamam de favelada [...] Para agradecer Jorilda, o chefe da Casa Civil de Mato Grosso, Gabriel Novis, prometeu construir uma casa para ela, no bairro Pedregal.<sup>18</sup>

Depois desse feito, a vida de Jorilda mudou, mas o que nos chama a atenção aqui é o fato de ela dizer que ficava triste em ser chamada de favelada, o que demonstra uma reação à rotulação que recebia por parte das pessoas. Nesse sentido, já podemos ver como o local era denominado por parte da população, que, desde essa época, já olhavam para os bairros, como o Pedregal, como periferia e favela. Outros noticiários a respeito do

---

<sup>17</sup> Notícia veiculada no *Jornal O Estado de Mato Grosso*, de 12 de novembro de 1977.

<sup>18</sup> Notícia veiculada no *Jornal do Dia*, de 17 de janeiro de 1984.

bairro foram sendo publicados, que diziam respeito à violência cometida, como furtos, ameaças de filho a mãe, esfaqueamentos e assassinatos. Esse estereótipo foi sendo construído, ao longo dos anos, por parte da imprensa, que só tem o compromisso de vender a notícia, e por parte dos leitores, que se alimentam desse tipo de informação, permitindo-se construir uma ideia de que a violência só está presente em determinados lugares, em determinados bairros, quando, na verdade, a violência é uma epidemia que está presente em qualquer tempo e espaço.

Em hipótese alguma, pode-se defender que o bairro não possuía problemas de violência, porém é fato atentarmos que ele, desde a década de 1970, recebia atenção especial da segurança pública. Uma prova disso foi a chamada “Operação Varredura”, realizada em 1978, com a finalidade de impedir a ação de marginais, proporcionando maior tranquilidade à população. Incluía nessa operação bairros como São João dos Lázarus, Barro Duro e Santo Antônio do Pedregal.

Nos anos 1990 e 2000, o bairro e toda a cidade ainda enfrentavam problemas de violência, porém o tráfico de drogas começava a ser um outro desafio que a Secretaria de Segurança Pública de Mato Grosso teria que superar e que enfrenta até hoje. Segundo pesquisa divulgada pela ONG mexicana *Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal*, publicada no site do G1<sup>19</sup>, a cidade de Cuiabá está em 39º lugar entre as 50 cidades mais violentas do mundo, com 42 homicídios por cada 100 mil habitantes. O problema da violência nasceu devido a vários fatores, incluindo a parte histórica da construção da identidade. Uma das finalidades deste trabalho é produzir um produto, no caso, um minidocumentário, para que possa ser visualizado por estudantes do ensino fundamental I e II, a fim de mostrarmos a construção do bairro, seus lugares de memória e desenvolver, por meio da educação patrimonial, uma consciência histórica de forma que a criança cresça se identificando com o bairro pelas coisas boas ali construídas e conquistadas.

Os jornais da década de 1980 traziam as seguintes notícias do bairro:

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/brasil-tem-21-cidades-em-ranking-das-50-mais-violentas-do-mundo.html>. Acesso em: 20 mai. 2020.

Figura 12 – Agressão no Pedregal

**AGRESSÃO III**

Depois de desentender-se com a sua companheira, o cidadão identificado por Mancel Odílio dos Santos, de 43 anos de idade, resolveu chama-la “nas rédeas”, dando-lhe uma série de bofetadas. O espancamento teve lugar no bairro Santo Antonio do Pedregal. oportunidade em que a guarnição que compunha a viatura prefixo 01 076 deslocou-se até a residência do casal e deteve Mancel Odílio dos Santos, encarregando-se de conduzir Isabel Soares dos Santos às dependências do Pronto Socorro Municipal da Capital.

Fonte: *Jornal do Dia*, 2 fev. 1984, p. 7.

No *Jornal do Dia*, página 7, foi dedicado um espaço para o chamado Plantão, em que ocorrências como a demonstrada na Figura 12 viravam notícias. Geralmente, os repórteres de plantão ficavam nas delegacias para colherem os primeiros dados dos fatos ocorridos, feito isso, eles publicavam a notícia com o nome completo do agressor e ainda citavam sua idade e o bairro no qual residia. Jornais desse período buscavam alimentar a notícia sem ao menos se preocupar com a vida do indivíduo, não se importavam em



preservar os dados da pessoa. A seguir se vê mais dois casos de agressão no bairro Pedregal sendo citado com as mesmas características do primeiro:

Figura 13 – Agressão no Pedregal

**ESPANCAMENTO**  
Depois de tomar uma "geladinha" com alguns amigos, o "bebum" identificado por Irineu Amâncio dos Santos, de 21 anos, resolveu encrespar com um desconhecido que acabava de chegar. Resultado: o sujeito estava mal humorado e não conversou, passou a espancar Irineu, deixando-o quase desmaiado no botequim. A surra teve lugar no Bar Santo Antonio, avenida General Mello, na altura do bairro Campo Velho, segundo ocorrência lavrada pela guarnição que compunha a viatura prefixo 01 088, do Centro de Operações da Polícia Militar.

Fonte: *Jornal do Dia*, 7 fev. 1984, p. 7.

Figura 14 – Agressão no Pedregal

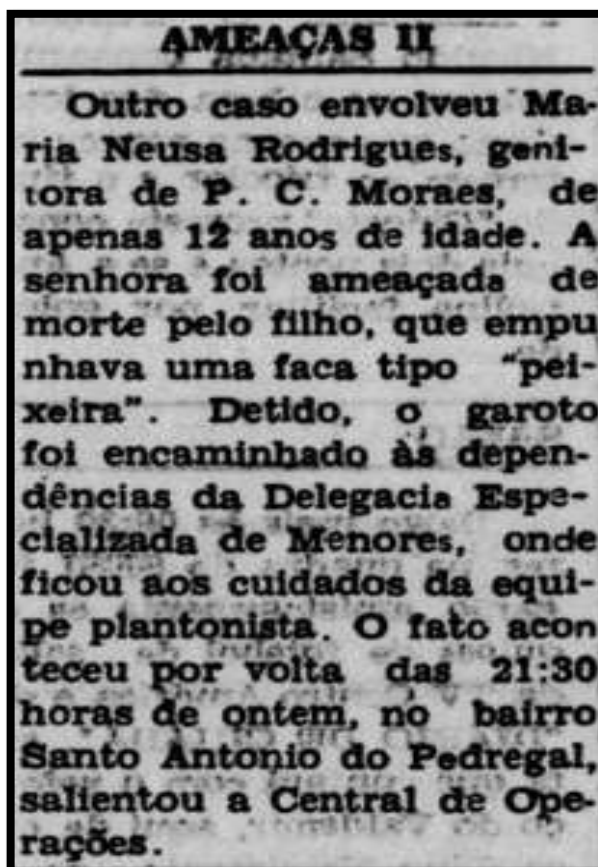
**AGRESSAO**

Solicitada por um telefonema, a guarnição que compunha a viatura prefixo 01 085 deslocou-se de seu ponto de referência com destino ao bairro Santo Antonio do Pedregal, oportunidade em que deteve o elemento que atende por Ivonete Pereira Cartides, de 39 anos, residente à quadra "A", lote 14. Segundo informou o Boletim da Central de Operações da Polícia Militar, o sujeito queria acabar com a família, espancando a filha E. P. C., de 13 anos e tentou contra a vida da esposa, Oseni Pereira Cartildes, de 38 anos, utilizando para tanto uma faca tipo "peixeira". A Polícia conduziu o valentão às dependências da delegacia do 3º Distrito Policial, onde ficou aos cuidados da equipe plantonista para as devidas e cabíveis providências. A menor foi encaminhada ao Pronto Socorro Municipal de Cuiabá, onde ficou para os devidos cuidados.

Fonte: *Jornal do Dia*, 8 fev. 1984, p. 7.

Notícias como essas se tornaram comuns nos jornais cuiabanos, tendo aqui como fonte o *Jornal do Dia*, no qual, no mesmo mês, se vê o nome do bairro envolvido com problemas relacionados à violência, o que permite perceber que essa identidade de bairro violento foi sendo alimentada pela mídia ao longo do tempo. Na Figura 15, mais um exemplo ainda no mês de fevereiro de 1984:

Figura 15 – Agressão no Pedregal, em 26 de fevereiro de 1984



Fonte: *Jornal do Dia*, 26 fev. 1984, p. 7.

Ainda se referindo a notícias veiculadas sobre a violência no Pedregal, chama a atenção uma matéria disponibilizada na página oficial do governo de Mato Grosso, no dia 29 de novembro de 2015, com o título: *Moradores seguem com rotina no bairro Pedregal*. A reportagem inicia com a seguinte descrição: “Este domingo (29.11) começou como tantos outros no Pedregal, em Cuiabá. Grande parte dos moradores acordando cedo para ir às compras na feira que há mais de 20 anos funciona na avenida principal do

bairro.”<sup>20</sup> É evidente que a reportagem oficial busca tranquilizar os moradores por causa dos três assassinatos ocorridos nos dias anteriores, mas o fato é que a reportagem dá ênfase na tranquilidade que estava o bairro, mostrando a ação do poder público, por meio da presença da polícia militar no local.

Ainda nessa reportagem, tem-se a declaração de uma moradora:

Para Lucélia, não há razão para se fechar em casa, deixar de caminhar, fazer compras e visitar parentes e amigos na comunidade. “O que aconteceu aqui pode acontecer, e acontece, em outros bairros de Cuiabá”, assinala. Na análise dela, a comunidade não pode mudar o curso de sua vida porque alguns moradores se envolvem ou são vítimas de crimes, referindo-se aos três casos de homicídios que ocorreram no bairro esta semana. “A população daqui é do bem, não pode ser vista como violenta por causa de uns e outros”, assinala.<sup>21</sup>

Analisando a fala da moradora, dona Lucélia, pode-se verificar dois fatos importantes. O primeiro é que a violência realmente existe no bairro, porém não foi algo que comoveu os moradores a ponto de fazerem protestos ou de se trancarem em suas casas com medo de saírem nas ruas. A vida seguiu sua rotina normalmente dentro do bairro, com os moradores praticando suas atividades diárias e realizando seus diversos deslocamentos. O segundo fato diz respeito à fala da moradora, que destaca os seus vizinhos como pessoas do bem, enfatizando que eles não podem ser vistos como pessoas violentas por causa de uma minoria. Isso demonstra a preocupação da moradora em relação à imagem de violência que era espalhada por boa parte da cidade, porém ela soube aproveitar a oportunidade de exposição na imprensa e mostrou o que de fato é o bairro Pedregal.

Ainda na reportagem, mais uma moradora descreve seu pensamento a respeito do Pedregal:

Mirlei também diz que não mudou sua rotina e, a exemplo de outros moradores, considera que está havendo exagero na divulgação de fatos criminosos registrados no bairro. “Meu único receio é aqui à noite, mas esse receio, acredito, é semelhante ao de moradores de outros bairros que também se preocupam com a segurança de sua família”, argumenta.

---

<sup>20</sup> ALVES, A. **Moradores seguem com rotina no bairro Pedregal**. Cuiabá, 29/11/2015. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/moradores-seguem-com-rotina-no-bairro-pedregal>. Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>21</sup> Idem.

Entretanto, diz, o reforço do policiamento está restabelecendo sua tranquilidade.<sup>22</sup>

Com o relato acima, entende-se que a violência existente no bairro não é algo recorrente e que os moradores têm plena consciência que isso está presente em toda a sociedade, aliás, o homem sempre conviveu com a violência em seus meios sociais. A própria moradora diz que há um exagero na divulgação dos fatos criminosos que são registrados no bairro, ou seja, a consciência externada por essa moradora dialoga com nossa hipótese de que o bairro ganhou fama de violento pelas diversas matérias publicadas pela mídia ao longo dos anos. Embora a reportagem queira exaltar a participação do poder público e sua presença para dar tranquilidade aos moradores, foi possível extrair algumas falas pertinentes a respeito de como os moradores percebem o bairro em que moram há décadas. A visão que eles possuem do bairro é bem diferente daquela que a população cuiabana está acostumada a ver nos veículos de comunicação na capital e no estado de Mato Grosso.

Como parte do trabalho, apliquei um questionário a alguns alunos do 6º ano do ensino fundamental II da escola Orlando Nigro, a fim de saber o que eles pensavam a respeito do bairro onde moravam. Logicamente, um questionário de oito perguntas não seria suficiente para se descobrir o real pensamento que eles tinham sobre o bairro, mas permitiu coletar informações importantes para a pesquisa.

O questionário apresentou as seguintes questões:

1. Há quanto tempo você mora no bairro Pedregal?
2. Quantas pessoas compõem sua família?
3. Você considera o bairro Pedregal bom pra morar?
4. O que seus amigos ou parentes que moram fora do bairro pensam do Pedregal?
5. Você concorda com o que eles dizem do bairro?
6. Justifique a resposta da questão anterior:
7. Você considera o bairro Pedregal violento ou perigoso pra viver?
8. Quais lugares sua família frequenta durante a semana no bairro?
9. Existe um lugar no bairro que você gosta mais de ir?

---

<sup>22</sup> ALVES, A. **Moradores seguem com rotina no bairro Pedregal**. Cuiabá, 29/11/2015. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/-/moradores-seguem-com-rotina-no-bairro-pedregal>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Com a primeira questão, levantei o tempo que o estudante mora no bairro. Todos os que responderam ao questionário anotaram que moram no bairro entre 6 e 11 anos, assim, conclui-se que, desde o nascimento, a criança reside no Pedregal. Isso nos mostra também que as pessoas continuam criando seus filhos nesse local, demonstrando, assim, uma identidade constituída ao longo dos anos, que vai passando de pais para filhos.

O resultado da segunda questão mostra que 70% dos alunos participantes possuem um núcleo familiar composto por mais de 5 pessoas. As famílias, de fato, são numerosas, pois, durante a pesquisa, foi observado que muitas mães deixavam mais de uma criança na escola. Além disso, foi constatado também o espírito de solidariedade entre as mães e moradores da comunidade, pois havia cooperação entre eles para levarem os filhos à escola.

Na terceira pergunta, o aluno tem duas opções de resposta — sim ou não — a respeito do bairro Pedregal ser bom para se morar. Buscar essa informação com a criança é de suma importância, pois as lembranças de infância são cruciais para que uma pessoa se identifique com o lugar no qual reside. Recordar os lugares que passou na infância é uma tarefa muito gostosa, pois a memória vai sendo alimentada ano após ano. Mesmo quando mudamos de um bairro, pode ser até para um lugar melhor, sempre será lembrado o local em que se viveu na infância. Nessa questão, todos os estudantes questionados responderam que sim, que consideram o bairro Pedregal bom para morar, pois possui coisas que as crianças gostam, tais como: áreas de lazer, escola perto de casa, amigos e familiares.

Na quarta questão, os estudantes tinham que responder a respeito do que seus amigos ou parentes que residem em outros bairros pensavam do Pedregal. Transcrevendo algumas respostas, temos os seguintes exemplos: “é um bairro perigoso que tem muitos assaltos”; “medo de roubar o carro”; “eles pensam que aqui só mora traficante e é um bairro com muito tiroteio”. Porém, são apresentados também pensamentos positivos: “eles pensam que o bairro é bom pra morar porque lá não passa tanto carro assim”; “eles acham que o Pedregal é bom”.

As respostas refletem aquilo que as crianças ouvem de amigos ou parentes sobre o bairro. Isso acaba por contribuir com a ideia de que o bairro criou uma fama de ser perigoso para morar, o que pode influenciar na formação das crianças.

Quando se chega à quinta questão, os estudantes teriam que responder às alternativas sim ou não e justificar suas respostas. A pergunta era se eles concordavam

com que os seus parentes diziam do bairro. Essa pergunta está ligada à questão anterior e, para isso, faz-se necessário separar as respostas negativas do bairro e as análises positivas que foram feitas do Pedregal.

As crianças que responderam coisas positivas do bairro na questão quatro concordam com o que foi dito a respeito do Pedregal. Para isso, utilizaram justificativas como: “porque eu gosto do Pedregal”; “é verdade, o bairro não passa tanto carro”; “porque tem gente que fala coisas boas e tem gente que fala mal”. Por outro lado, em relação aos que responderam negativamente a essa mesma questão, 60% das crianças não concordaram com o que foi dito e justificaram da seguinte maneira: “ele fala que tem muito tiroteio, mas tem às vezes”; “por exemplo, perigoso só de vez em quando”; “porque eu acho que é calmo”.

Na sexta questão, a pergunta é se o estudante considera o bairro Pedregal violento ou perigoso para viver. Havia três opções para responder: sim, não ou às vezes. Para 30% dos estudantes, a resposta foi que não consideram o bairro violento ou perigoso para viver; 20% afirmou que o bairro é violento às vezes e, para 50% dos participantes, o bairro era perigoso em algum aspecto.

Em continuidade com o questionário, os estudantes responderam à sétima questão, que falava sobre quais lugares sua família frequentava durante a semana no bairro. Para 50% desses estudantes, a igreja é o lugar mais frequentado durante a semana. Isso faz jus à grande comunidade cristã presente, dentre as quais destaco a comunidade evangélica, que, em sua maioria, frequentava a igreja Assembleia de Deus. Em escalas menores, estão os adeptos de outras denominações cristãs evangélicas, bem como a igreja católica Santo Antônio do Pedregal. Além disso, os estudantes também citaram lanchonetes e uma loja de açaí denominada por eles de Açaí do Fuca, algo que nos chamou a atenção.

Na última questão, a pergunta era se existia um lugar no bairro no qual o estudante mais gostava de frequentar. Vários alunos responderam que gostavam de frequentar as casas dos amigos, da tia e, até mesmo, o Açaí do Fuca. De fato, não obtive respostas sobre o fato de eles gostarem de frequentar a igreja, contudo, a assiduidade aos cultos se dá pelo fato de os responsáveis frequentarem tal ambiente.

Em suma, devemos olhar para o bairro Pedregal como sendo um lugar de contínua história, marcado por lutas, conquistas e desafios a serem superados, como a questão da violência. Contudo, tudo isso não impediu as pessoas de construir um bairro bom para morar, trabalhar e criar seus filhos. Ele ainda precisa evoluir bastante, porém seu status

atual reflete tudo o que foi realizado ao longo dos anos. São pessoas simples, que buscavam um espaço para construírem suas vidas e foram as peças fundamentais para o funcionamento do local. A violência é vigente no bairro, como em toda a cidade, e omitir isso seria pura ignorância, mas analisar até que ponto essa violência pode atrapalhar a vida das pessoas já outra questão. Os moradores vivem suas vidas normais como em outro lugar, trabalham, fazem atividades comerciais, festejam, professam sua fé, possuem acesso a áreas esportivas e educacionais, convivem em vizinhança e desfrutam daquilo que conquistaram.

No próximo capítulo, abordarei a questão patrimonial do bairro e seus lugares de memória.



## CAPÍTULO II – PEDREGAL, CONSTRUÇÃO E MEMÓRIA

O capítulo será iniciado com uma expressão realizada pelo antropólogo estadunidense Clifford Geertz, visto que o conceito de cultura se faz de suma importância na construção deste trabalho:

O homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado.<sup>23</sup>

Toda e qualquer sociedade é composta de vários indivíduos que, por si só, possuem uma identidade cultural. Numa pequena comunidade, cada indivíduo pertence a um núcleo familiar, no qual também é participante de um grupo maior, como uma comunidade de rua, um bairro e, posteriormente, uma cidade, país e continente. Cada uma dessas participações sociais acaba por deixar marcas culturais na vida desse indivíduo, com signos que irão diferenciá-lo de outras comunidades que possuem o mesmo esquema de participação. Cada indivíduo possui uma teia de significado que irá identificá-lo ou não com determinado grupo social. A expressão bairrismo, no sentido daquele que defende com entusiasmo seu bairro, denota o apego que o indivíduo possui em relação ao lugar em que sua vida social está inserida. Falo aqui do seu contexto próximo de amizade, convivência e crescimento.

Procura-se compreender e analisar a dinâmica que o bairro Pedregal se constituiu, identificando as questões culturais presentes, os lugares de memória, a identidade e o pertencimento. A cultura e a identidade são feitas de signos e mergulhar nestes será a abertura para podermos afirmar ou refutar a hipótese de que o bairro Pedregal mais se identifica com aquilo que a mídia expõe do que com aquilo que os próprios moradores pensam sobre o bairro.

O patrimônio é muito mais que bens culturais, existindo, assim, uma relação entre as pessoas e os bens que as cercam. O antropólogo Antônio Augusto Arantes define patrimônio cultural como sendo:

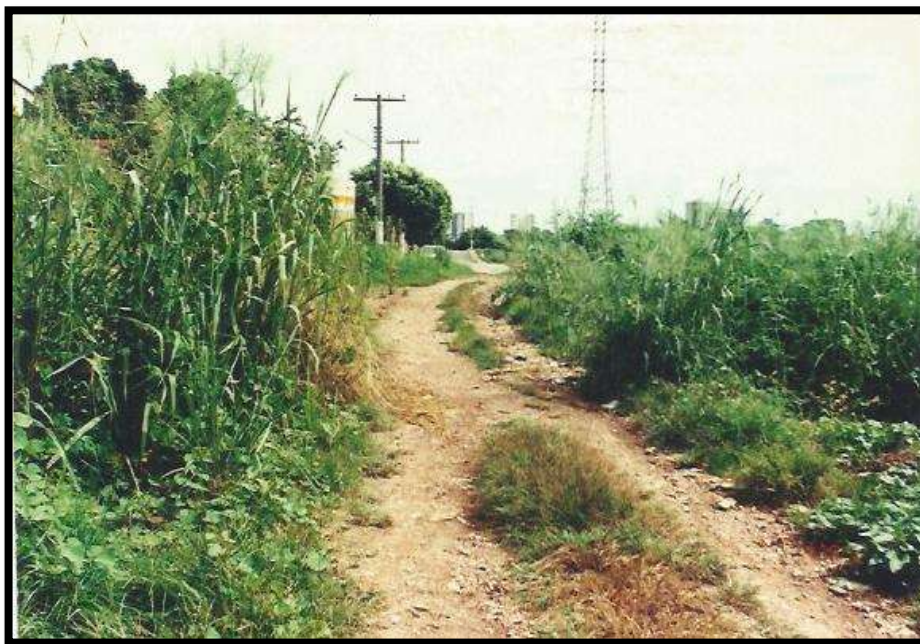
---

<sup>23</sup> GEERTZ, C. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 1978. p. 15.

[...] o conjunto de bens oficialmente protegidos, tangíveis e intangíveis, que participam da construção do pertencimento, das identidades e da continuidade da experiência social, no âmbito dos processos de formação e transformação das nações contemporâneas e das relações internacionais.<sup>24</sup>

Num bairro, existem vários conjuntos patrimoniais. Uma rua, por exemplo, que antes não tinha nem previsão de ser asfaltada, cuja luta de seus moradores acabou por concluir tal obra, torna-se um lugar de conquista, um lugar de memória, de identificação da vizinhança. São mediante os patrimônios culturais que os indivíduos têm a oportunidade de narrarem suas vivências, experiências e perspectivas, numa busca de reconhecimento do seu espaço em meio ao poder público.

Figura 16 – Bairro Pedregal, na década de 1990



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos.

A Figura 16 mostra a última rua do bairro em meados de 1990, cercada de mato alto, que tem seu significado ao bairro, visto que se pode ver que ela servia não somente para o tráfego de pessoas, mas de veículos também. A rua terminaria após se encontrar com o asfalto de outra rua. A mesma foi toda asfaltada nos anos 2000, gerando conforto

---

<sup>24</sup> ARANTES, A. **Patrimônio cultural: desafios e perspectivas atuais**. Curso Ensino à Distância sobre Patrimônio Imaterial: Política e Instrumentos de Identificação, Documentação e Salvaguarda, realizado pela UNESCO, Iphan e DUO Informação e Cultura, 2008. p. 1.

e mobilidade aos moradores, valorizando as casas que estavam próximas. Isso, de fato, trouxe bem-estar à população local, principalmente aos moradores próximos.

Vejamos a imagem a seguir:

Figura 17 – Bairro Pedregal, na década de 1990



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos.

Nessa imagem (Figura 17), percebe-se os moradores tapando os buracos da avenida principal do bairro. A disposição em ajudar a tapar os buracos demonstra a preocupação em manter o bairro organizado e em pleno funcionamento, facilitando a mobilidade tanto dos moradores que circulam diariamente como de visitantes.

Essa preocupação se mostra muito significativa, haja vista ser raro esse tipo de envolvimento de moradores com seus bairros. A ideia de pertencimento, ainda que não seja de todos, é visível na foto em questão. O sujeito entende que o bom funcionamento da infraestrutura do bairro depende não somente do poder público, mas da participação de cada morador.

Figura 18 – Campo de futebol do Pedregal



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

Obviamente que muitos moradores podem e devem se orgulhar que seus esforços contribuíram significativamente para as conquistas do Pedregal. Um campo de futebol de terra batida, em que meninos descalços até homens adultos vestidos como atletas profissionais desfrutem de um momento de lazer, num sábado à tarde ou domingo de manhã, consiste em um patrimônio coletivo dos moradores.

Diante do descaso do poder público, as pessoas praticantes desse esporte se unem para criar um ambiente de maior conforto, que possibilite o acesso a todos, não só aos que jogam futebol, mas aos que apreciam assistir também. Em muitos casos, um time de futebol que representa o bairro é criado para jogos interbairros, algo que fortalece o sentimento de identidade, de pertencimento.

Figura 19 – Estruturas sociais



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

Nas imagens acima, podemos ver, da esquerda para a direita, o Centro de Referência e Assistência Social do Pedregal, que sempre foi muito eficiente na busca por ajudar as famílias carentes não só do próprio bairro como também de bairros adjacentes. Ao lado, temos a Unidade de Saúde Adelaide Alves da Silva, que tem atendido inúmeras famílias da região. Na Figura 19, da esquerda para a direita, temos a biblioteca comunitária Saber com Sabor, inaugurada em 2004, pelo então prefeito de Cuiabá, Roberto França Auad. O terreno no qual foi construída essa biblioteca foi doado pelos próprios moradores do bairro. A biblioteca faz uma homenagem à dona Canuta Sebastiana Pereira da Silva, uma ex-agente comunitária de saúde que trabalhou durante anos na Unidade de Saúde do bairro. Ato muito interessante dos moradores, pois, além de manter vivo na história do próprio bairro o nome de seus personagens históricos, preza pelo reconhecimento em vida de seus protagonistas. Atualmente, a biblioteca se encontra fechada para reformas, porém, desde 2004, ela tem atendido aos moradores, contendo, além de livros, um laboratório de informática na ajuda da inclusão digital. Na imagem ao lado da biblioteca (Figura 19), vemos a Escola Municipal de Educação Básica Dr. Orlando Nigro, que, desde o início da década de 1980, tem buscado atender à comunidade estudantil tanto do bairro quanto da vizinhança, por exemplo, os bairros Leblon e Renascer.

Figura 20 – EMEB Dr. Orlando Nigro



Fonte: acervo da EMEB Dr. Orlando Nigro. Projeto *Bom de bola, bom de escola*, 2017.

Um dos projetos mais recentes lançados na escola foi o Bom de Bola, Bom de Escola, que visa, por meio do esporte, alavancar a vida educacional das crianças, incentivando-as a praticar esporte e a se firmarem na escola, com maior participação escolar. Como já mencionado no capítulo anterior, vale relembrar aqui que o esporte no bairro já contribuiu para o surgimento de um importante nome do atletismo mato-grossense, a corredora Jorilda Sabino — cinderela negra —, que, aos 13 anos de idade, conquistou o 2º lugar na 59ª edição da Corrida de São Silvestre, em São Paulo, perdendo apenas para a atleta portuguesa Rosa Mota, 12 anos mais velha que Sabino e detentora de sete títulos da São Silvestre. Isso só engrandece a façanha dessa atleta de Mato Grosso.

Figura 21 – Jorilda Sabino



Fonte: *RD News*<sup>25</sup>, 2020.

<sup>25</sup> SANTOS, B. **Vejo como resistência, só queria correr, diz Cinderela negra, atleta que corre descalça.** Cuiabá, 07/03/2020. Disponível em: <https://www.rdnews.com.br/entrevista-especial/conteudos/124995>. Acesso em: 10 mai. 2020.

Pode-se ver, nas imagens constantes da Figura 21, Jorilda Sabino na corrida de São Silvestre de 1983, em sua 59ª edição. A imagem do centro apresenta Sabino segurando a tocha olímpica das Olimpíadas do Rio 2016. A última imagem refere-se ao momento em que Sabino obteve o patrocínio do Banco Econômico, após já ser reconhecida no cenário mato-grossense e nacional.

Na página de esportes do *Jornal do Dia* (p. 7), de 17 de janeiro de 1984, surge a seguinte estampa: *Como é a vida de nossa campeã?* A matéria descreve a vida de Jorilda Sabino, destacando sua trajetória como cidadã de poucos recursos, com moradia em um barraco de tábuas no bairro Santo Antônio do Pedregal, narrando um pouco do cotidiano de Sabino:

Oriunda de família pobre, humilde, morando com a mãe e as oito irmãs e alimentando-se basicamente de arroz, feijão e ovos (“compramos carne quando sobra dinheiro” afirma dona Cacínira), tímida, Jorilda não gosta de comentar o que fará no futuro, nem mesmo se participará da São Silvestre deste ano.

A vida simples de uma moradora se transforma por meio do esporte e, com certeza, trabalhos como o Bom de Bola, Bom de Escola acabam por incentivar as crianças a buscarem um futuro melhor. Até mesmo a história de Sabino é capaz de inspirar as crianças. Talvez, muitos não conheçam a história dessa atleta, mas esse trabalho, por meio do seu resultado, tem a responsabilidade de apresentar figuras como Jorilda Sabino às crianças.

A historiadora Ana Luíza Martins<sup>26</sup> diz que “o estudo do patrimônio é um campo que, de forma “gulosa”, se serve de tudo o que estiver disponível”. Para análise de patrimônios culturais, têm-se várias fontes, como as atas, os documentos oficiais e as fotografias, que estão sendo capazes de representar a dinâmica histórica do bairro. Neste trabalho, foram observados os lugares para encontro de pessoas do bairro: feira, campo de futebol, centro comunitário; a infraestrutura do bairro: vias principais e coletoras; lugares comerciais e residenciais; os diferentes templos religiosos: igrejas evangélicas e católicas, centros espíritas, etc. Como historiador do patrimônio cultural, devo também entender a dinâmica de construção demográfica, as mudanças trazidas com tal dinâmica, as entradas de imigrantes, inclusive estrangeiros que o bairro recebe.

---

<sup>26</sup> MARTINS, A. L. Uma construção permanente. In: **O historiador e suas fontes**. (orgs.) PINSKY, C. B.; de LUCA, T. R. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2015. p. 281.

No que diz respeito à definição de patrimônio cultural, verifica-se que ele foi motivo de discussão no século XX, no Brasil. O Decreto-lei n.º 25/1.937 nos traz uma importante interpretação do que se definia como patrimônio histórico e artístico nacional à época:

Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.<sup>27</sup>

Podemos interpretar que, logo em seu primeiro artigo, o patrimônio histórico e artístico nacional diz respeito àquilo que é de interesse público e que possui fatos memoráveis da história do Brasil, possuindo um valor excepcional. Fica evidente que o que não tem valor nacional não pode ser considerado patrimônio. Em seu artigo 216, a Constituição Federal de 1988 traz um novo texto sobre a matéria, ampliando a noção de patrimônio histórico e artístico para patrimônio cultural, trazendo um sentido antropológico ao termo:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:  
I - as formas de expressão;  
II - os modos de criar, fazer e viver;  
III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;  
IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;  
V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.<sup>28</sup>

Em seu bojo, a lei nos mostra que, por patrimônio cultural brasileiro, os legisladores entendem como algo pertencente a diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, um avanço significativo que nos permite discutir o que, de fato, é o patrimônio cultural, como foi definido por Arantes. Caberá ao historiador de patrimônio cultural selecionar o tipo de fonte mais pertinente em seu estudo, que será coletado nas

---

<sup>27</sup> BRASIL. Casa Civil. Decreto-lei n.º 25/1937, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>28</sup> BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.



inúmeras manifestações culturais do seu objeto de pesquisa. Em seu inciso I, o legislador deixa claro que os conjuntos urbanos fazem parte efetivamente dos estudos de patrimônio cultural. Isso reforça os meus estudos sobre o objeto de pesquisa: o bairro Pedregal.

Outro conceito muito importante é o conceito de memória. O historiador Fernando Catroga destaca três níveis de memória:

*A proto-memória, fruto, em boa parte, do habitus e da socialização, fonte dos automatismos do agir...; a memória propriamente dita, que enfatiza a recordação e o reconhecimento; e a metamemória, conceito que define as representações, de pendor comemorativo, que o indivíduo faz de um modo compartilhado e onde predomina a chamada “recordação-imagem”.<sup>29</sup> (CATROGA, 2015, p. 11).*

É válido pensar que as duas últimas estão ligadas àquilo que o indivíduo possui em relação às recordações. Elas são capazes de fazer com que o indivíduo se filie ao próprio passado, construindo, assim, uma identidade e se distinguindo do outro, sendo capazes de construir uma memória coletiva, especificamente, quando se refere à metamemória. Obviamente que esses três níveis de memória destacados por Catroga estão ligadas entre si. Não existe uma memória pura, pois a pluralidade memorial é construída, ao longo do tempo, na vida de cada indivíduo. Neste trabalho, procuro compreender como a memória de cada indivíduo foi construída, sendo bem evidente que consegui compreender também a memória coletiva do bairro, pois ambas se interligam. O sujeito, mesmo antes de ser um *eu*, já está inserido na placenta de uma memória que o socializa à luz que irá definir sua estratégia de vida, seus sentimentos de pertença e adesão ao coletivo<sup>30</sup>. A memória coletiva chega a ser mais forte que a própria memória individual. O perigo da memória coletiva de ser mais forte que a memória individual estaria no fato de que o indivíduo passaria a construir sua identidade a partir da primeira. E uma de minhas observações é referente àquilo que é memorizado em relação ao bairro, realizado pelos outros e não pelos moradores. Um exemplo seria a imagem que o bairro tem perante a cidade, sendo um lugar de extrema violência.

Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus

---

<sup>29</sup> CATROGA, F. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2015. p. 11.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 12.

pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele.<sup>31</sup>

A construção de memória que o bairro é violento acaba, por muitas vezes, atingindo os próprios moradores e as crianças que se apropriam dessa ideia e reproduzem o estigma de violência, por meio de suas vestes, suas falas e comportamentos. Os meios de comunicação podem contribuir de modo infeliz para que a violência no bairro seja reproduzida por seus cidadãos diariamente. O bairro, por si só, já trabalha o conceito de memória, conforme se verifica na Figura 22:

Figura 22 – Nome das ruas



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

A maioria dos nomes das ruas do Pedregal traz ao cotidiano a memória indígena, na qual possui muita ligação com a própria cidade de Cuiabá. Algo que passa, muitas vezes, despercebido é o fato de que, ao trabalhar o significado de cada nome, torna-se possível trazer ricas histórias culturais dos nativos e, ao mesmo tempo, uma fonte preciosa de ensino de História. Ao dar nomes indígenas às ruas do Pedregal, os moradores podem ter pensado em algo que lhes inspirasse ou, até mesmo, o poder público pode ter nomeado, porém o que motivou os nomes das ruas não é sabido, mas o importante de tudo isso é

<sup>31</sup> HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo-SP: Centauro, 2013. p. 163.

que o bairro traz à memória a cultura indígena, podendo, assim, ser explorado pelos professores como sendo mais um objeto de ensino.

Outro conceito é a questão da identidade. O mais correto a se dizer não é identidade e sim identidades, pois todos somos cercados de identificações. Um morador de bairro, ao ir à igreja, é chamado de irmão; se está na escola, de estudante; se pega um ônibus, é passageiro; se vai ao posto de saúde do bairro, é denominado paciente e assim por diante. A construção de uma identidade como moradores do bairro irá passar por várias dessas que citei. Pode ser que, dentro do bairro, exista aquele morador que está há anos residindo ali e que não tem identidade alguma com ele. Por outro lado, deve haver moradores que residem há anos e que não se veem morando em outro lugar. Nas palavras de Bauman, as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas<sup>32</sup>.

Numa comunidade de bairro, é possível detectar as “identidades” em todo lugar, porém algumas são impostas à comunidade, podendo ser rotulada como uma sociedade violenta, pobre, miserável e que dali não “sai” coisa boa, como é o caso do bairro Pedregal. Quando se fala em artesanato, muitos se remetem a uma senhora que reside no São Gonçalo Beira Rio, mas será que um bairro como o Pedregal não possui artesãos? Será que o bairro não possui seus patrimônios culturais materiais e imateriais? A marca da violência está em todos os bairros da capital, porém a maneira como são expostos é que influenciam. Citando um exemplo, um caso de violência doméstica pode ocorrer num bairro de classe média, porém, quando acontece no Pedregal, ganha maior repercussão. Nossa grande preocupação é que a memória e identidade dos moradores está sendo substituída pela memória intencional da mídia. Conseqüentemente, isso faz com que muitas crianças se apropriem dessa fama de bairro violento e, aos poucos, o bairro vai perdendo sua memória como o bairro de origem do artista, do músico, do comerciante, da igreja, do campo de futebol etc.

O papel de desconstruir essa identidade lançada pelas pessoas de fora do bairro será de muita relevância. O discurso de uma construção de identidade feita com os estudantes garantirá, no futuro, uma melhor identificação e preservação da memória do bairro.

---

<sup>32</sup> BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2005. p. 19.

## 2.1 A arte no Pedregal

A arte no Pedregal tem tanta história como o próprio bairro, pois onde existe ser humano, existe a arte. Segundo o artista plástico brasileiro, Espíndola: “O Pedregal, bairro recente próximo à Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), se já não é, acabará por ser lugar marcante no desenvolvimento da pintura cuiabana”<sup>33</sup>. O artista estava certo, pois, do Pedregal, surgiram alguns nomes da arte cuiabana, como Valques Pimenta, Sebastião Silva, Adir Sodré, Aleixo Cortez, entre outros.

Figura 23 – Artistas plásticos do Pedregal



Fonte: Página de Valques Pimenta Costa no *Facebook*<sup>34</sup>, 2020.

A Figura 23 retrata os artistas plásticos do Pedregal ainda garotos, que fizeram e fazem excelentes trabalhos artísticos, cujas obras são vendidas não somente no cenário nacional, mas também pelo mundo afora.

A primeira vez que ouvi falar do Pedregal foi em 1977, ao tomar conhecimento do primeiro quadro de um menino lá, recém-chegado de Rondonópolis, entre milhares de outros imigrantes que superpopulacionaram esta Capital. Muitos conquistaram um espaço no Pedregal. Esse menino era Adir Sodré [...].<sup>35</sup>

<sup>33</sup> ESPÍNDOLA, H.; FIGUEIREDO, A. **Animação cultural e inventário do acervo do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT**. Cuiabá-MT: Estrelinhas, 2010. p. 216.

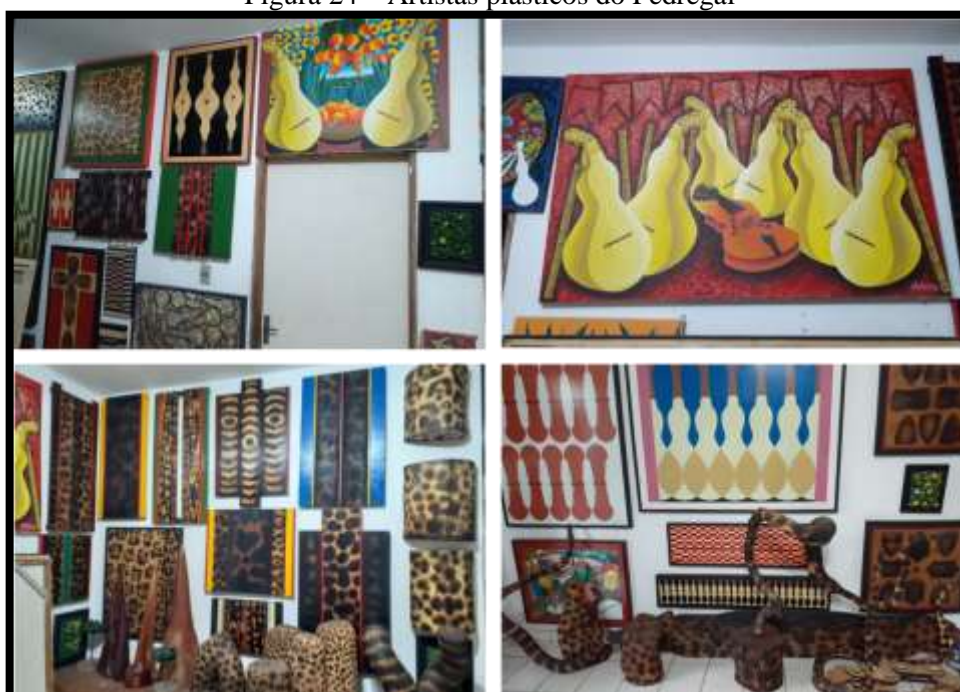
<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/valques.rodrigues>. Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>35</sup> ESPÍNDOLA, H.; FIGUEIREDO, A. **Op. cit.**, p. 5.

O discurso de Espíndola foi publicado num folder em 1982, ano que esse artista sul-mato-grossense organizou uma mostra de pinturas na UFMT, no bloco de Tecnologia, dos treze meninos do Pedregal. Participaram dessa mostra os artistas, até então com 11 a 14 anos de idade, Aleixo Cortez, Cleber Luiz da Costa, Evaristo Ailton de Almeida, Hermes Pereira da Silva, Idenilson José dos Santos, Jair Rodrigues Nascimento, Natanael Moura, Nilton Candido da Silva, Nivaldo de Almeida, Roberto Moreira dos Santos, Sebastião Neves Macedo e Sebastião Silva.

A respeito de Sebastião Silva, ele ainda reside no bairro Pedregal. A seguir temos algumas de suas obras.

Figura 24 – Artistas plásticos do Pedregal



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

As obras de Sebastião Silva retratam a cultura cuiabana, como se pode visualizar nas violas de cocho desenhadas, nos retratos da pele de onça e os troncos das árvores do cerrado mato-grossense. Como dito antes, tais obras são vendidas para boa parte do mundo.

## 2.2 A vida religiosa

Quando me refiro à memória coletiva, logo penso em lugares onde as pessoas costumam frequentar e que possuem significados marcantes àqueles indivíduos. Assim, a igreja Santo Antônio do Pedregal e a igreja Assembleia de Deus são dois templos religiosos que reúnem centenas dos moradores do Pedregal, cujas construções têm algo em comum: a participação dos moradores.

Figura 25 – Igrejas do Pedregal



Fonte: acevo pessoal do autor, 2020.

O templo católico da igreja Santo Antônio do Pedregal e o templo da igreja evangélica Assembleia de Deus são os dois maiores do bairro. Juntas, essas igrejas conseguem agregar vários fiéis, bem como são capazes de realizar diversos trabalhos sociais na comunidade. Essas igrejas praticamente nasceram juntas com o bairro, ainda nos finais da década 1970. A representatividade de ambas no bairro é muito forte e seus templos ficam na mesma avenida, cerca de cem metros uma da outra.

A história da igreja católica Santo Antônio do Pedregal começa com o desejo de um dos primeiros moradores do bairro, um senhor conhecido popularmente por José Camilo. Num relato para o jornal denominado *O Coletivo*, que circulou no bairro no final da década de 1980, José Camilo narra um pouco da história de superação para o reconhecimento por parte do poder público dos loteamentos, visto que, constantemente, os moradores eram obrigados a se retirarem de suas moradias, as quais eram denominadas de barracos.

Mesmo em meio às incertezas de continuarem ou não em seus barracos, os moradores, sob liderança de José Camilo, criaram uma comunidade católica, que fez importantes obras sociais, sobretudo, com a distribuição de pães a muitos moradores carentes. A religião, por meio da igreja católica, que esteve presente desde o início do

bairro, foi muito importante para criar laços de afetividade e identificação com o lugar, unindo os moradores na luta pela permanência e melhorias na comunidade.

Figura 26 – Padre Teodoro



Fonte: acervo pessoal do Sr. José Camilo, 1980.

Outra figura importante para o surgimento da comunidade católica no Pedregal foi o padre Teodoro, que, na Figura 26, realiza o batismo de um afilhado do senhor José Camilo, que foi responsável pelo contato com o padre e o convidou para inaugurar a comunidade no Pedregal. Segundo relatos escritos do senhor José Camilo, ele marcou um lote de 40 x 35 metros, contando com as telhas que o padre Teodoro havia doado, para assim iniciar a construção, ainda de madeira, da igreja católica do Santo Antônio do Pedregal, que já contava com serviços de distribuição de pão, arroz e feijão para servir a comunidade carente do bairro. Assim, o combinado com os moradores católicos era que, até que a obra da igreja ficasse pronta, as missas seriam realizadas cada vez na casa de um devoto. É importante ressaltar que, como o local era novo, houve invasões neste loteamento até que a obra fosse iniciada.

De 1978 a 1980, o senhor Dionísio foi empossado como presidente da comunidade católica do Pedregal e, durante seu mandato, a comunidade ergueu uma igreja de tábuas, no mesmo local onde hoje está a igreja católica do Santo Antônio do Pedregal.

A igreja realiza alguns trabalhos sociais ajudando pessoas idosas, carentes e dependentes químicos por meio de suas pastorais, além de casamentos comunitários, que são realizados nas suas dependências.

Figura 27 – Igreja Santo Antônio do Pedregal



Fonte: acervo da Portal Sagrada Família de Cuiabá, 2019.

Como podemos perceber na Figura 27, hoje a igreja encontra-se bem estruturada, com um salão agradável para as festas que promove e aparelhos de ar-condicionado, oferecendo conforto durante as missas aos fiéis.

A igreja evangélica Assembleia de Deus foi inaugurada em meados do ano de 1979, num pequeno salão que media 7 x 18 metros. Nesse salão, os fiéis se reuniam de três a quatro vezes semanalmente para realizarem seus cultos.

Figura 28 – Igreja evangélica Assembleia de Deus



Fonte: acervo pessoal da Sra. Esther Gregório, 1983.



A Figura 28 mostra a comemoração do Dia das Mães realizada no templo no ano de 1983. É possível perceber que a igreja já tinha muitos fiéis. Em seu início, como o bairro recebeu muitas pessoas que vieram de outros bairros, sobretudo o Quarta-feira, a igreja já contava com um número grande de membros, sendo, posteriormente, preciso aumentar o tamanho do templo.

Figura 29 – Igreja evangélica Assembleia de Deus



Fonte: acervo pessoal da Sra. Esther Gregório, 1984.

Ao fundo da Figura 29, vê-se o templo menor e, ao lado, a obra da construção e ampliação da igreja, quando conseguiram, junto ao Dr. Orlando Nigro, a compra de dois terrenos anexos ao templo da igreja, no ano de 1984. A igreja, então, passa a ter uma dimensão maior, medindo 13,5 metros de largura por 27 metros de comprimento.

Durante todo esse período de existência do bairro Pedregal, a Assembleia de Deus conseguiu realizar diversas obras sociais, haja vista seu engajamento em ações que visam não somente o evangelismo e o aumento no número de membros, como também o resgate social das pessoas, tanto da miséria social e econômica quanto do mundo das drogas. Assim, a igreja se habilitou em resgatar pessoas que estavam nas ruas e que queriam mudar de vida. Algumas noites por semana, membros da igreja, especialistas em ajudar pessoas nas drogas, se revezam e saem às ruas do Pedregal com marmitas para entregar às pessoas vulneráveis, ao mesmo tempo, em que oram e levam a Palavra de Deus como conforto por suas vidas perturbadas. Vários frutos foram colhidos, visto que existem relatos de pessoas que abandonaram as drogas e conseguiram novamente ter uma vida digna, voltando para o convívio da família e dos amigos novamente.

Assim, o papel desempenhado pela igreja evangélica Assembleia de Deus não está somente no âmbito eclesiástico, mas também na esfera social, o que mostra a importância de seus trabalhos na comunidade durante todos esses anos.

### 2.3 O comércio no bairro

No bairro Pedregal, a vida comercial é muito intensa, composta praticamente do setor terciário, como padarias, lojas de roupa, de materiais de construção, barbearia e escritórios de advocacia; à noite, há barracas de lanche, de açaí e espetinhos e, aos domingos, a tradicional feira livre.

Figura 30 – Feira de domingo no Pedregal



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

A feira do Pedregal é armada todos os domingos de manhã, com horário de funcionamento das 6h às 13h. Nela, os feirantes do bairro e de outras localidades armam suas barracas e vendem diferentes tipos de produtos, desde gêneros alimentícios, como frutas, verduras, doces, pastéis e espetinhos, até produtos diversos, como roupas, brinquedos, calçados e outros.

Figura 31 – Feira na Avenida principal



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

Na Figura 31, verifica-se, ao fundo, a organização da feira na via principal do bairro, que conta com dezenas de barracas com bastante movimento ao longo da manhã dominical. Esse comércio vem desde a década de 1980, quando o bairro já estava mais bem estruturado.

#### 2.4 Centro comunitário e construção da Companhia de Polícia Militar

Figura 32 – Centro Comunitário



Fonte: acervo pessoal do autor, 2019.

O Centro Comunitário recebeu, como homenagem, o nome do senhor João Henrique da Costa, um dos fundadores do bairro Pedregal, que, no ano de 2010, teve o reconhecimento da Câmara de Vereadores de Cuiabá por todo serviço prestado à comunidade.

João Henrique da Costa fundou o bairro Pedregal em meados da década de 70 e foi o primeiro presidente da Associação dos Moradores do Pedregal. Já nos anos 80, também ajudou a fundar a União Cuiabana de Associação de Moradores de Bairro (Ucamb) e o Clube de Mães do Pedregal. Na parceria da Associação dos Moradores com o Clube de Mães, João Henrique foi o primeiro a levar cursos para mulheres, como tricô, corte e costura, crochê, culinária e outros até o centro comunitário do Pedregal que, agora, vai levar o seu nome.<sup>36</sup>

O senhor João Henrique da Costa foi um nome importante dentro da comunidade, trazendo vários benefícios para seus moradores, fundando, inclusive, o Clube de Mães do Pedregal, que presta assistência às mães do bairro.

Atualmente, o Centro Comunitário ainda funciona, principalmente, com o famoso baile dos idosos, realizado todas as terças-feiras no período vespertino, evento este para o qual muitos idosos do bairro se deslocam no intuito de curtirem momentos de lazer, com danças, conversas e comidas, em que todos contribuem e relembram as memórias de seus anos de vivências.

A EMEB Dr. Orlando Nigro também teve sua participação não somente no quesito pedagógico, como também no âmbito social, mostrando sua relevância para a comunidade.

Figura 33 – Alunos da EMEB Dr. Orlando Nigro



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em: <http://www.camaracba.mt.gov.br/noticia.php?id=1620>, 2010. Acesso em: 10 mai. 2020.

<sup>37</sup> As fotos referem-se ao ano 2000.

No aniversário do bairro, os alunos da escola faziam o desfile pela avenida principal, marchando até o campo de futebol. Na Figura 33, vemos os alunos da escola cantando num coral para a comemoração, em 2004, do aniversário da Companhia de Polícia do Pedregal. Ainda na Figura 33, na imagem que está do lado direito, vemos as crianças participando de uma exibição do projeto de Karatê que a então extinta Rede Cemat, fornecedora de energia ao estado de Mato Grosso, realizava no Centro Comunitário.

Esta Companhia de Polícia foi inaugurada em 2000 e encontra-se na avenida principal do bairro, sendo um sonho antigo dos moradores. Sob sua jurisdição, estavam os bairros do Jardim Leblon, Jardim Itália, Renascer, Bosque da Saúde I e II, Canjica, Terra Nova e Castelo Branco, além do próprio Pedregal.

Figura 34 – Construção da Companhia de Polícia do Pedregal



Fonte: acervo do vice-presidente do bairro, Macswel Santos<sup>38</sup>.

O terreno foi doado pelos próprios moradores do bairro, que fizeram alguns eventos para levantarem fundos a fim de construir o prédio. Nas imagens constantes da Figura 34, destacam-se os próprios moradores trabalhando nas obras da construção do prédio, bem como o entorno dele. Ainda nessa figura, na última imagem da parte de baixo, consta o registro do dia da inauguração da Companhia no ano de 2000.

<sup>38</sup> As fotos referem-se ao ano 2000.

Atualmente a companhia carece de reformas, porém continua funcionando com um efetivo de policiais. A realidade é que com a instalação desta companhia, a polícia não somente trabalhou no combate a criminalidade como também realizou projetos que pudessem beneficiar a população.

O senhor José Camilo recebeu em 2013 uma moção de congratulação pelos serviços prestados à sociedade nos doze anos de fundação da Companhia do Pedregal. Isso mostra a importância dessas pessoas, que, de maneira simples e humilde, foram verdadeiros agentes da história, contribuindo para a transformação do meio onde vivem e dedicam suas vidas. Essas pessoas devem ser trazidas aos anais da história, pois são sujeitos históricos que deixam exemplos de como o ser humano é importante no meio que participa.

Figura 35 – Moção de Congratulação



Fonte: arquivo pessoal do Sr. José Camilo Ribeiro, 2013.

Concluo então que a comunidade do Pedregal nasceu e desenvolveu-se sob a tutela de seus moradores. Pessoas simples, que contribuíram de alguma forma, direta ou indiretamente, na construção de um bairro que hoje se encontra mais bem estruturado. De mão e mão, os tijolos da esperança de um futuro melhor foram sendo assentados, casa por casa, e o bairro foi se expandindo, conquistando direitos e escrevendo sua história. Muitas são as lembranças e memórias, desde autores anônimos, como o senhor José Camilo, a

pessoas que ficaram famosas, como Jorilda Sabino. Histórias essas que possuem uma coisa em comum, todas nasceram no Pedregal.

Por meio desses sujeitos históricos anônimos, percebe-se a importância que eles tiveram por preservar a cultura e a identidade do lugar, pois, ao se unirem para levantar uma comunidade religiosa ou construir uma rede de esgoto, foram firmados a identificação de cada um com o bairro, a preservação da memória e do olhar para o futuro. Essas ações reforçam a ideia de que o homem só poderá construir algo se, de fato, acreditar no seu legado.

Trazer a memória do bairro Pedregal para um trabalho de mestrado é desafiador e me faz carregar um peso de responsabilidade muito grande, pois todos os moradores que entrevistei para saber mais sobre o bairro e conhecer suas memórias mostraram interesse em contribuir com a minha pesquisa e ver o resultado final do trabalho. Esse resultado será apresentado no produto, o minidocumentário *Pedregal: História e Memória*. No próximo capítulo, irei mostrar o caminho para a montagem desse minidocumentário, destacando a importância da utilização dessa ferramenta na sala de aula no ensino de História.

## CAPÍTULO III – ENSINO DE HISTÓRIA E SUA AÇÃO EDUCATIVA

Como ação educativa que foi proposta neste trabalho, resolvi elaborar um minidocumentário a respeito dos lugares de memória do bairro Pedregal, trabalhando alguns pontos da sua evolução como bairro, seus agentes históricos e conquistas. Buscarei alcançar as séries iniciais, disponibilizando o vídeo na EMEB Dr. Orlando Nigro, localizada no próprio bairro.

Por ação educativa, entendo a maneira de se comunicar clara e eficientemente com os estudantes, trazendo algo que seja significativo e do seu universo imaginário, no caso, o vídeo em sala de aula a partir do minidocumentário, que será um instrumento para se alcançar o objetivo geral, que é levar o conhecimento histórico do bairro mediante o ensino de História em sala de aula.

No primeiro momento, busquei trabalhar a importância do uso de mídias digitais e do vídeo em si nas salas de aula, destacando a importância do professor nesse processo de ensino e aprendizagem. Em segundo lugar, mostrei os passos que segui para construir o minidocumentário e a utilização do programa *Wondershare Filmora9*.

### 3.1 A importância do uso das mídias digitais

O professor do século XXI está inserido num contexto social em que a tecnologia está, de fato, presente na vida dos estudantes. As crianças que nasceram nesta era do smartphone estão, em muitos casos, mais conectadas do que muitos de seus próprios professores. Assim, o discurso que muitos proferem de que o professor não é mais o detentor supremo do saber, sendo apenas um mediador dos conhecimentos em sala de aula é verdadeiro. Para isso, metodologias como aprendizagem significativa, sala de aula invertida, entre tantas outras, estão sendo cada vez mais utilizadas em nossas escolas. Um método muito defendido hoje nas escolas é aquele em que o professor medeia o conhecimento e o aluno é o protagonista de tal tesouro. O professor de História tem um papel importante no ensino e aprendizagem, pois pode ensinar o aluno a adquirir as



ferramentas de trabalho necessárias: o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico<sup>39</sup>. A aula de História por si possui grande importância. Para a autora:

A aula de História é o momento em que, ciente do conhecimento que possui, o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço e de uma atividade com a qual ele retome a atividade que edificou esse conhecimento.<sup>40</sup>

Levar o estudante a apropriar-se do conhecimento exige, de fato, esforço do professor em preparar uma aula rica em saberes e que faça todo sentido ao estudante. É necessário dizer que o professor, por mais que surjam novas metodologias, as quais podem diminuir ou não a sua importância, ainda é uma figura importante no processo de educação, por isso ele deve constantemente estar atualizado em relação a tudo aquilo que o cerca, ainda mais no mundo altamente tecnológico no qual vivemos, que tem feito desaparecer tantas profissões. Assim, utilizar ferramentas atuais para as práticas de ensino gerará bons resultados ao aluno e ao professor.

Pensar numa aula enriquecedora não irá somente testar a sua grande importância nos processos educativos, como dito antes, mas o desenvolvimento de novas práticas colaborativas e exemplares a outros profissionais da educação.

O trabalho do profissional de história com a informática também engloba recursos para a reprodução, a acumulação e o tratamento de informações, desde o apelo ao escâner, particularmente importante para quem pesquisa fontes visuais, passando por programas estatísticos, extremamente úteis para os historiadores [...].<sup>41</sup>

O professor de História precisa conhecer os variados recursos que o mundo informatizado oferece. Os autores descrevem exatamente o fato de que as informações que queremos passar como profissionais da educação podem ter um maior alcance se utilizarmos as ferramentas digitais para facilitar o ensino. Defendo a ideia da necessidade de se utilizar os variados recursos tecnológicos para se trabalhar em sala de aula. O

---

<sup>39</sup> SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. M. F. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2010, p. 57.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> SILVA, M.; FONSECA, S. G. **Ensinar História no século XXI**: Em busca do tempo entendido. Campinas-SP: Papirus, 2007. p. 117.

celular, por exemplo, possui vários recursos que podem ser explorados num ambiente de sala de aula ou na preparação e planejamento das aulas.

A escola é um lugar em que haverá a produção do conhecimento, que, por sua vez, será de suma importância no desenvolvimento do sujeito histórico. “A autoria docente apresenta o professor como um sujeito capaz de experimentar e sistematizar inovações pedagógicas e educativas no contexto escolar”<sup>42</sup>.

O professor precisa ser um profissional capaz de criar novos mecanismos para a aprendizagem. Estar dentro de uma sala de aula exige uma preparação e, ao mesmo tempo, reflexões no processo de ensino e aprendizagem sobre como se ensina e de como se aprende.

### **3.2 Construindo o minidocumentário Pedregal: História e Memória**

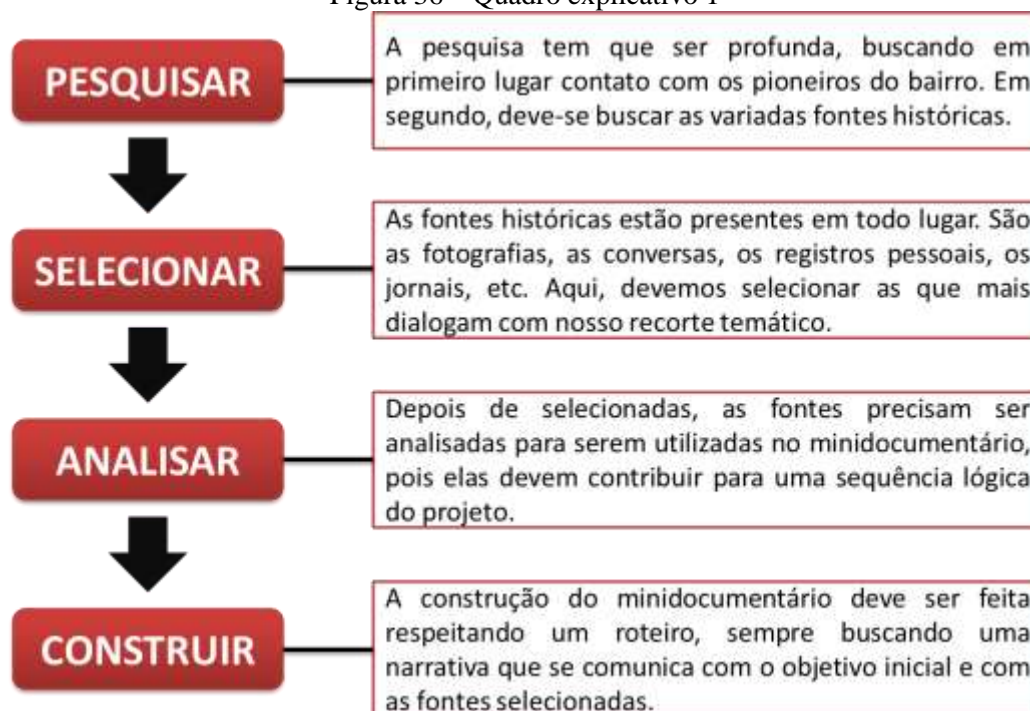
Na ação educativa, pensei numa maneira bem didática de mostrar aos estudantes a História e a memória do bairro Pedregal. Por meio disso, eles poderiam refletir sobre o lugar no qual muitos deles vivem e convivem. Todo espaço tem uma história, que é, em muitos casos, abafada pelos vários problemas sociais ou, até mesmo, pelo esquecimento diante da sobrevivência do dia a dia. Ter contato com a sua própria história, a história de seu bairro, poderá desenvolver um sentimento de pertencimento e identidade, o que, com certeza, ajudará a melhorar o lugar de convivência, pensando no futuro do bairro.

Assim, acredito que um minidocumentário seria capaz de entregar uma narrativa ilustrativa, na qual os estudantes poderiam se sentir viajantes do tempo e pertencentes ao local. Para construir esse minidocumentário, embasei-me em quatro estágios fundamentais, conforme ilustração que segue:

---

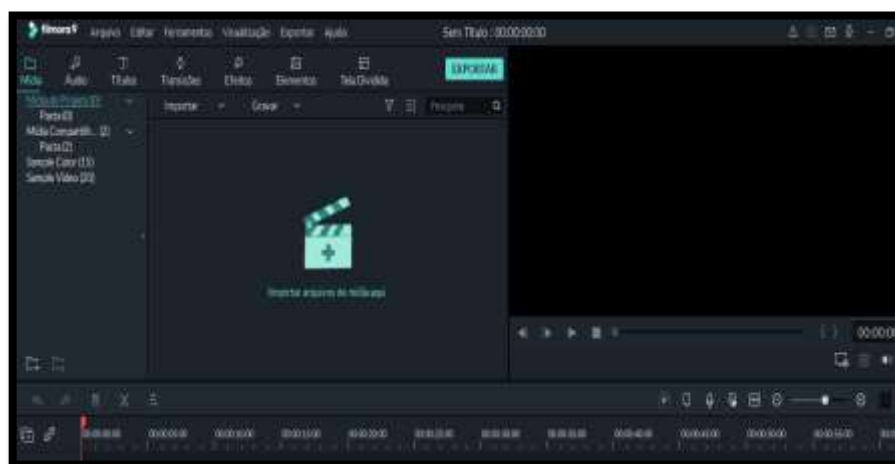
<sup>42</sup> RIBEIRO, R. **Fazer História, a importância de ler, interpretar e escrever em sala de aula**. Curitiba-PR: Appris, 2018. p. 39.

Figura 36 – Quadro explicativo 1



Fonte: produzido pelo autor, 2020.

Para a construção do documento, precisei de boas pesquisas, principalmente, de fotografias que remetesse ao processo de formação e evolução do bairro, a fim de ilustrar a narrativa. A seleção e a análise dessas fontes imagéticas constituíram-se na base para a construção do minidocumentário. Outro fator seria um programa de edição. Atualmente, existem vários programas de edição de vídeos, desde os mais simples, como o *Windows Movie Maker*, até programas mais complexos, como o *Adobe Premiere Pro*. Porém, resolvi buscar um programa de fácil manuseio e que pudesse atender aos objetivos de se montar um minidocumentário com qualidade e facilidade, pois iria utilizar imagens e vídeos. O programa escolhido foi o *Wondershare Filmora 9*, pois ele foi capaz de responder aos desafios de se editar, mesmo para não profissionais. Acredito que uma pessoa com conhecimentos básicos de informática é capaz de operar esse software sem dificuldades, pois sua interface é de fácil interpretação e muito bem estruturada. Com o tempo, as edições ficam mais rápidas e melhores. Não obstante, cada professor poderá escolher um programa que melhor lhe atenda e que fique acessível considerando o grau de conhecimento que possui.

Figura 37 – Painel do *Wondershare Filmora 9*

Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

Como podemos ver, a interface do programa está inserida de modo sistemático, na qual as abas apresentadas acima, como arquivo, editar, ferramentas etc. são conhecidas de qualquer usuário de computador. Nas abas dispostas na parte de baixo, vemos a divisão entre mídia, áudio, títulos etc. No meio da interface, em destaque, temos a aba “Importar arquivos de mídia aqui”. Essa aba é responsável por colocar os arquivos como imagens, sons e vídeos dentro do programa e, depois, o professor deverá apenas arrastar tais arquivos para a linha do tempo que está bem embaixo. Essa linha do tempo é importante para se construir um documentário. Nela, o educador irá fazer toda a edição, como cortar, colar e copiar. Uma ferramenta muito útil, inclusive, para cortar cenas de filmes ou, até mesmo, compactar outras que deseja transmitir aos estudantes em sala. O programa serve também para se gravar videoaulas, fazendo todo o processo de edição.

No meu caso, toda a edição do minidocumentário foi realizada somente no programa *Wondershare Filmora 9*. A partir de agora, irei mostrar como o professor poderá montar seu minidocumentário utilizando o *Wondershare Filmora 9*.

A primeira observação será quanto à aquisição do programa. Ele está disponível para as versões de sistemas operacionais como *Windows 7* ou superior e *Mac OS X 10.11*. Entrando diretamente no site do programa, a pessoa tem a opção de baixá-lo para seu computador gratuitamente, observando que, 30 dias após a instalação, o usuário terá a opção de comprá-lo ou não, sendo esse prazo uma oportunidade para que possa testar o programa e ver se ele irá atender às expectativas, inclusive, quanto ao fato de ele funcionar perfeitamente no equipamento do usuário. O site também oferece a opção de comprar o programa sem antes testá-lo, porém é recomendável fazer os testes antes. Pode-se adquirir

o *Wondershare Filmora 9* com uma assinatura trimestral, anual ou pelo plano vitalício, em que o programa é adquirido de forma definitiva, o que seria mais recomendável por conta do valor.

Feito a aquisição e a instalação do *Wondershare Filmora 9*, passo para a próxima fase, mas, antes de tudo, precisava de um roteiro, então, tracei um objetivo ao montar esse trabalho. Num primeiro momento, iria inserir uma narração, mas achei melhor deixar o vídeo apenas com imagens e legendas, de forma que as crianças, por si só, pudessem interagir com o vídeo. Como trabalhei com a história do bairro Pedregal, a utilização de fontes imagéticas no programa foi de muita valia, contudo, certamente que as pesquisas documentais foram essenciais para que o minidocumentário fosse produzido, dando o suporte necessário no processo de montagem.

A primeira coisa a se pensar ao montar um projeto de vídeo para crianças é no fundo musical que será utilizado. Diante disso, precisei de um tema musical que fosse alegre, infantil e que dialogasse com a proposta. Para isso, utilizei a biblioteca de áudio do *YouTube*. Nessa biblioteca, o usuário poderá baixar gratuitamente os áudios que deseja utilizar na produção dos seus vídeos. Dividida por gêneros musicais, a biblioteca me proporcionou encontrar rapidamente uma música que atendesse ao projeto de vídeo, cujo arquivo fosse baixado sem exigir direitos autorais. Nessa biblioteca de áudio do *YouTube*, temos as opções de baixar tanto as músicas como os efeitos sonoros gratuitos, em que estão classificados em gênero, clima, instrumento, duração e atribuição. Pensado o roteiro e escolhidas as músicas para o projeto, prossegui com a escolha da vinheta de introdução do vídeo.

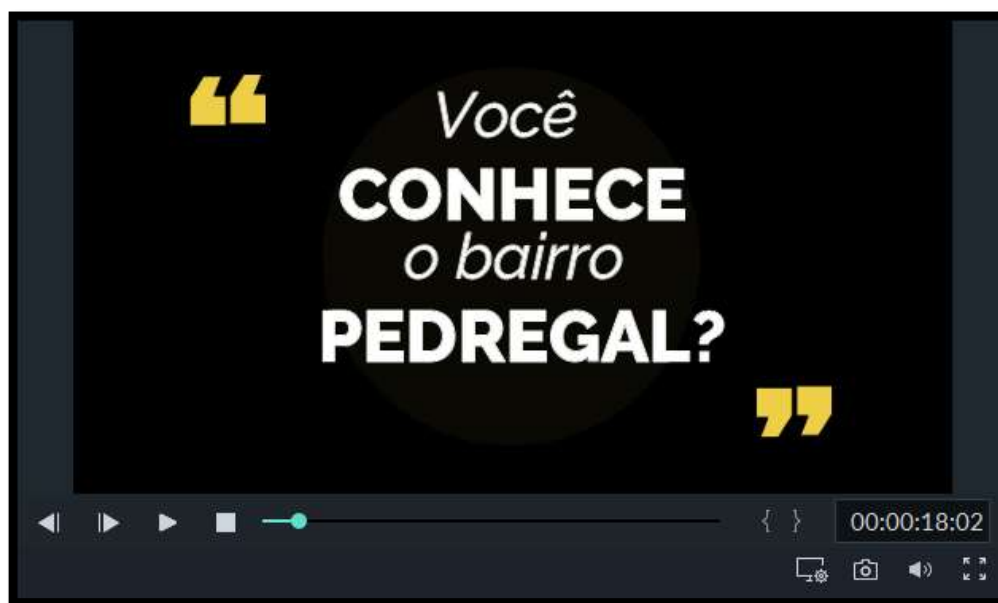
Figura 38 – Título do vídeo



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

O título dessa produção foi *Pedregal: História e Memória*. O *Wondershare Filmora 9* dá várias opções para se montar a vinheta da introdução e, pensando, mais uma vez, em um vídeo com temática infantil, para crianças entre 10 e 12 anos, acabei selecionando a opção da Figura 38. Não fiz algo simples, como um preto e branco, nem algo muito colorido, o que poderia poluir o visual da introdução, visto ser ela muito importante para chamar a atenção dos estudantes. Assim, escolhi a introdução *New Opner 18*, acreditando ser, para esse projeto de vídeo, a melhor opção, por se tratar de uma introdução com efeitos chamativos e modernos. A música baixada na biblioteca de áudio do *YouTube*, utilizada nessa introdução e no início do vídeo foi *Good Morning*, que possui uma harmonia e dinamismo, porém não a utilizei em seu formato completo no vídeo, haja vista que poderia torná-lo muito cansativo. Isso é algo que precisa ser observado, pois um vídeo precisa ter mais de uma música, até mesmo para não enfadar, ainda mais se tratando de determinado público, no nosso caso, as crianças.

Figura 39 – Introdução do minidocumentário



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

Após a introdução, coloquei a seguinte pergunta: você conhece o bairro Pedregal? Deparando-se com esse questionamento, o estudante poderia responder rapidamente para si mesmo: “sim, conheço,” ou “não, não conheço”. O conhecimento a respeito do bairro pode ter sido passado pelos pais aos estudantes ou, até mesmo, numa atividade escolar.

Mas o certo é que esse minidocumentário irá aproximar mais ainda o estudante de seu espaço de vivência.

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, de entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo na concepção dos alunos significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura e as expectativas em relação ao seu uso. Precisamos aproveitar essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planejamento pedagógico.<sup>43</sup>

A produção de um minidocumentário e posterior apresentação aos estudantes será capaz de aproximá-los da história do seu bairro de maneira leve e descontraída. A expectativa positiva de um vídeo em sala de aula é capaz de produzir bons resultados, uma vez que a mistura do som, das imagens e da narrativa em si, sendo bem construída, é capaz de deixar marcas profundas nas memórias dessas crianças, assim, quando se tornarem adultos, se lembrarão do que viram em sala.

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não-separadas. Daí a sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.<sup>44</sup>

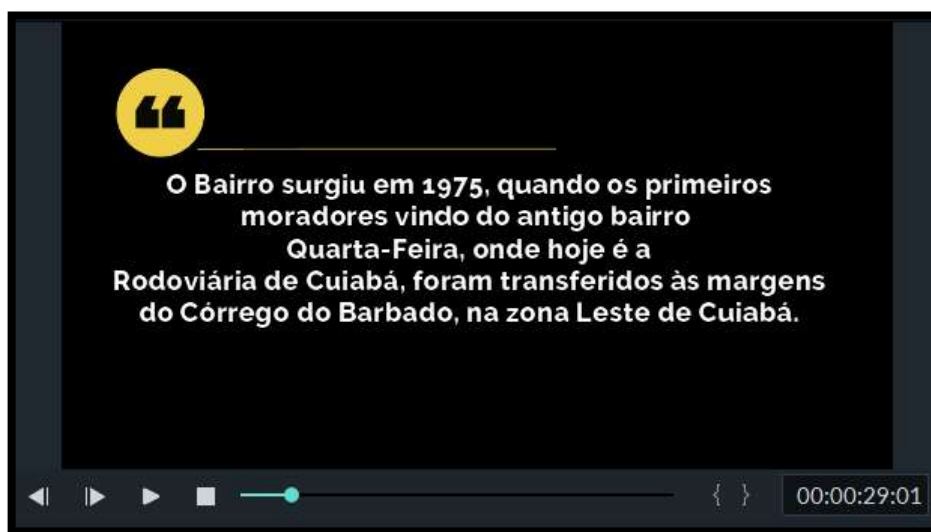
O uso correto de um vídeo em sala de aula, ainda mais se tratando de algo tão próximo dos estudantes, apresenta uma força para o bem pedagógico. Quando falo em força, refiro-me ao seu impacto dominante na vida das crianças por meio de sua sedução. Cabe ao professor selecionar, organizar e transmitir o vídeo de maneira efetiva no alcance dos objetivos planejados. Buscando alcançar o objetivo com o vídeo, nas próximas imagens, coloco a informação do surgimento do bairro.

---

<sup>43</sup> MORÁN, J. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, (2), 27-35. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p27-35>, 1955. p. 27.

<sup>44</sup> Ibid., p. 28.

Figura 40 – Informações do bairro



Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.

Busco trazer, de modo sintetizado, a informação sobre o surgimento do bairro e representar isso por meio das imagens recolhidas com a pesquisa, conforme o exemplo constante da Figura 41, quando inseri o Córrego do Barbado, local que serviu para a instalação das primeiras famílias que chegaram ao bairro. Acredito que narrar a história do bairro e apresentar imagens que possam expressar essa narrativa são fundamentais para trazer à memória o processo histórico de evolução do bairro e de identificação com ele, sabendo que os alunos fazem parte disso. Além do mais, torna a aprendizagem mais significativa, pois irá trabalhar algo que os estudantes vivenciam em seu cotidiano.

Figura 41 – Informações do bairro



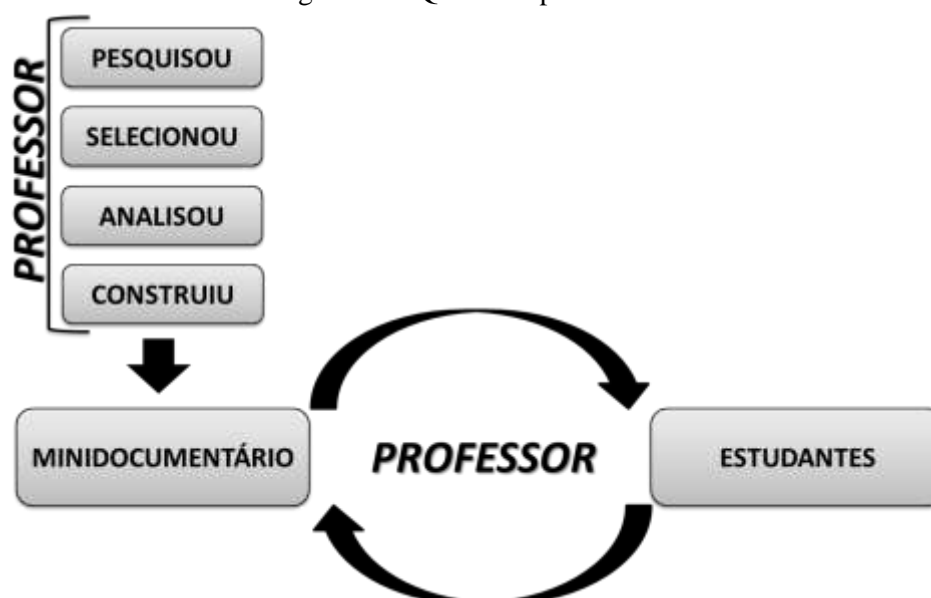
Fonte: acervo pessoal do autor, 2020.



O professor poderá trazer várias discussões com as imagens que trabalhei nesse minidocumentário, pois assim os estudantes poderão não somente reconhecer, como também conhecer a sua própria história cultural.

Dessa forma, aponto algumas orientações de como construí o minidocumentário e de como o professor poderá trabalhar com ele. Lembro que a sala de aula deve ser cada vez mais dinâmica e o uso de vídeos ajuda nesse processo, porém nada substitui um professor bem preparado e com vontade de ensinar. O ensino de História permanece vivo e com novos desafios, temos em mente que, sabendo usar as ferramentas adequadas e no momento certo, seremos capazes de construir uma sociedade melhor e mais respeitada.

Figura 42 – Quadro explicativo 2



Fonte: produzido pelo autor, 2020.

Nesse esquema (Figura 42), evidencio o papel do professor numa aula bem produzida, a fim de poder alcançar os objetivos traçados. Posso dizer que, para que o profissional da educação alcance o objetivo, segundo Shimidt, “[...] o professor pode oferecer a seu aluno a apropriação do conhecimento histórico existente, através de um esforço [...]”<sup>45</sup>, de forma que a construção de uma aula passa pelos quatro estágios: pesquisar, selecionar, analisar e construir, que exigem esforço, empenho e dedicação. Nenhum objetivo será alcançado sem tais empreendimentos. No final, o trabalho do

<sup>45</sup> SCHMIDT, M. A. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. M. F. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2010, p. 57.

professor continua em sala, como uma ponte entre a produção, no caso, o minidocumentário, e os estudantes, instigando por meio de perguntas e buscando respostas em relação à produção.

Para que os professores ou alunos possam trabalhar com o minidocumentário, o produto está disponível a todos no link <https://youtu.be/t5FAKxouhcc>, com acesso ilimitado.

Metodologicamente, esse minidocumentário foi construído utilizando as fontes documentais desta dissertação e pelo programa *Wondershare filmora 9*, conforme pode ser visto ao se assistir o vídeo. Primeiramente, fiz a pergunta: você conhece o Pedregal? E, a partir desse questionamento, fui narrando o início do bairro e seu desenvolvimento estrutural, destacando a força dos moradores nesse processo. Em seguida, abordei os lugares de memória que, muitas vezes, tem a sua importância suprimida, como a biblioteca Saber com Sabor, o CRAS, a Unidade de Saúde e a EMEB Dr. Orlando Nigro. Os nomes das ruas do bairro, que fazem referência à memória indígena, também foram inseridos no minidocumentário. Coloquei ainda a arte produzida pelos moradores, a religião e o comércio, que são fatores constitutivos de um bairro bem estruturado.

Em conclusão a este capítulo, ressalto a importância de se fazer um minidocumentário, visto que seria um material permanente que pode ser utilizado pelos professores de História na EMEB Dr. Orlando Nigro ou em outro ambiente escolar que deseja conhecer o bairro em questão. Futuramente, pretendo apresentar esse documento à Secretaria de Cultura de Cuiabá, para que seja feita uma produção profissional do minidocumentário e que sirva de inspiração para, posteriormente, serem produzidos mais projetos como esse em outras comunidades/bairros de Cuiabá. Entendo que a história local precisa ser documentada, narrada, e que histórias de conquistas comunitárias, de personagens comuns, devem ser exploradas para que se possa trazer à memória aquilo que pode despertar esperança de uma vida melhor dentro de uma comunidade a seus moradores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter desenvolvido este trabalho me possibilitou uma grande oportunidade de realizar algo autêntico e, ao mesmo tempo, proporcionou adquirir um conhecimento maior a respeito do bairro Pedregal, seja mediante o apoio e participação da comunidade do bairro, seja pelas diferentes fontes e estudiosos sobre essa temática. Trata-se de um trabalho capaz de desconstruir uma narrativa estampada nas capas dos jornais e, concomitantemente, promover uma construção científica de um bairro tradicional de Cuiabá, sob a tutela de uma instituição tão importante quanto a UFMT.

Como se sabe, o meu objeto de pesquisa foi o bairro Pedregal, sua memória, sua identidade e seu patrimônio cultural. Infelizmente, na comunidade cuiabana, o bairro é visto como um lugar violento, em que o tráfico de drogas e os assassinatos são quase que frequentes. Porém, depois de lecionar no bairro, pude perceber que ele se constituiu de forma peculiar, um exemplo é os vários imigrantes haitianos que residem nele. Além disso, suas ruas são movimentadas, com grande tráfego de pessoas, seus comércios não possuem grades como em outros bairros e o bairro teve grande influência na eleição do segundo mandato de um vereador de Cuiabá. Não é e nunca foi minha intenção neste trabalho dizer que o local não tem seus problemas, contudo desejo mostrar que muito do que é conhecido a respeito desse bairro de Cuiabá foi imposto por pessoas que não residem no local e que trazem consequências aos moradores, uma vez que relatos que não condizem com a verdade mexem com a memória coletiva e identidade dessa comunidade. O bairro se desenvolveu de maneira significativa, formado por conquistas e suor de seu povo, até chegar ao pleno funcionamento na atualidade. E quando falo dos moradores, estou trabalhando a ideia do sujeito histórico, da pessoa que é protagonista tanto da sua própria história quanto da história da comunidade por meio das suas realizações.

Devido ao recorte temático que escolhi, eu não quis abordar neste trabalho as questões relacionadas à identidade de gênero, cor e raça. Embora sejam muito interessantes e instigantes, tais temáticas poderiam custar um tempo maior de pesquisa, o que fugiria da programação inicial apresentada ao Programa. Outro assunto relevante é a presença de imigrantes haitianos no bairro Pedregal, cujo tema também optei por não trabalhar devido ao exíguo prazo.

Certamente, o trabalho poderia trazer outras abordagens, como os temas acima apresentados até a especulação imobiliária em torno do bairro, porém eles poderão ser

abordados em futuros projetos, os quais anseio desenvolver no bairro, a partir de outra investigação minuciosa.

Esse trabalho mostrou a capacidade de luta que as pessoas comuns, anônimas e, ao mesmo tempo, contribuintes possuem para um desenvolvimento comunitário. A formação do bairro foi algo coletivo, feito com pessoas que, muitas vezes, nem se conheciam, mas, buscando interesses distintos, contribuíram para o crescimento do Pedregal. A exemplo do senhor José Camilo, que tanto fez pelo bairro, inclusive sendo homenageado pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso pelos excelentes serviços prestados à sociedade. Outro exemplo é o senhor Marcrean Santos, hoje vereador eleito por Cuiabá, que, ao longo de vários anos, testemunhado por todos os moradores por mim enquanto pesquisados, por meio de vários documentos, lutou para o progresso do bairro.

Os lugares de memória presentes no Pedregal me fizeram identificar o trabalho coletivo em prol do próximo, tais como as diversas funções que as igrejas do bairro realizam para o bem da comunidade, bem como a própria Companhia da Polícia, que já desenvolveu trabalhos de inclusão social, entre outros. Projetos como o Clube de mães do Pedregal e o encontro dos idosos me fazem viver não somente o presente, mas o futuro de forma fraterna, coletiva, com amor.

A história do tempo presente que foi realizada neste trabalho abrange um raio de ação mais curto, dialogando exatamente com a construção social da identidade do local. Acredito que este trabalho será importante para que um dos lugares de construção de identidade, a EMEB Dr. Orlando Nigro, possa compreender melhor o público estudantil que atende e, dessa forma, estimular a construção de uma identidade contrastante com a que é imposta pelos meios de comunicação: jornais, televisão e internet, a que os estudantes e seus familiares residentes em outros bairros têm acesso. O estudante será capaz de se apropriar de uma identidade coletiva, vendo-se como sujeito histórico e relevante para a construção do bairro e de seu melhoramento.

Sobre o minidocumentário, dei o título *Pedregal: História e Memória*, busquei colocar, de maneira didática, parte da pesquisa que irá contribuir para disseminar o conhecimento do que, de fato, foi e é o Pedregal. Num vídeo de, aproximadamente, dez minutos, narrei o início do bairro, sua ocupação e crescimento. Mostrei no minidocumentário o desenvolvimento e as conquistas obtidas com a ajuda dos moradores. Trouxe também a arte no bairro, citando o importante artista Sebastião Silva e um pouco do seu trabalho, bem como a vivência religiosa mediante a apresentação das duas maiores

comunidades cristãs: a igreja católica Santo Antônio do Pedregal e a igreja evangélica Assembleia de Deus. No minidocumentário também destaquei o comércio, como a feira livre que ocorre aos domingos, além de apontar uma figura ilustre que viveu no bairro no tempo de sua grande façanha, a atleta corredora Jorilda Sabino.

Para finalizar, ressalto que as indagações realizadas neste trabalho foram respondidas e que, por tudo o que foi exposto aqui, não é correto rotular o Pedregal como um bairro violento, pois desvaloriza tudo o que foi construído ao longo dos anos, porém não descarto a ideia de que o bairro possui seus problemas de violência como todo bairro da capital. Mesmo assim, seus moradores vivem e progridem em seus afazeres diários, sem medo ou temor.

## FONTES

BRASIL. Casa Civil. **Decreto-lei n.º 25/1937**, de 30 de novembro de 1937. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: 10 mai. 2020.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n.º 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996.

CUIABÁ. Prefeitura. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano – SMDU. Diretoria de Urbanismo e Pesquisa - DUP – **Perfil Socioeconômico de Cuiabá**. Volume V. Cuiabá: Central de Texto, 2012. 559p.

CUIABÁ. Editorial – Plantão, **Jornal do Dia**, 17 de janeiro de 1984.

CUIABÁ. Editorial – Plantão, **Jornal do Dia**, 2 de fevereiro de 1984, p. 7.

CUIABÁ. Editorial – Plantão, **Jornal do Dia**, 7 de fevereiro de 1984, p. 7.

CUIABÁ. Editorial – Plantão, **Jornal do Dia**, 8 de fevereiro de 1984, p. 7.

CUIABÁ. Editorial – Plantão, **Jornal do Dia**, 26 de fevereiro de 1984, p. 7.

CUIABÁ. **Perfil Socioeconômico de Cuiabá – Volume III**. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano: IPDU • 52.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cuiabá**. Documento básico. Vol. 1. Instituto de Pesquisas e Desenvolvimento Urbano (IPDU). SEPLAN. Cuiabá-MT: 1991. 158p.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Evolução do Perímetro Urbano de Cuiabá – 1938 a 2007**. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano (IPDU). Cuiabá-MT: 2007. 74p.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Composição dos bairros de Cuiabá**. Data base: dezembro de 2009. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano (IPDU). Cuiabá-MT: 2010. 62p.

CUIABÁ. Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Evolução urbana de Cuiabá**. Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano (IPDU). Cuiabá-MT: 2010. 46p.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Augusto. **Patrimônio cultural: desafios e perspectivas atuais**. Curso Ensino à Distância sobre Patrimônio Imaterial: Política e Instrumentos de Identificação, Documentação e Salvaguarda, realizado pela UNESCO, Iphan e DUO Informação e Cultura, 2008.
- BARROS, C. H. F. **Ensino de História, Memória e História Local**. Revista de História da UEG, v. 3, p. 301-321, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2005. 110 p.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **História nas atuais propostas curriculares**, in: *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora, 2004, p. 97-132.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo-SP: Contexto, 2017.
- BOMFIM, Márcia. **As engrenagens da cidade: centralidade e poder em Cuiabá na segunda metade do século XX**. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato, 2010.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Rio de Janeiro-RJ: FGV, 2015. 94 p.
- ESPINDOLA, Humberto; FIGUEIREDO, Aline. **Animação cultural e inventário do acervo do Museu de Arte e de Cultura Popular da UFMT**. Cuiabá-MT: Estrelinhas, 2010.
- FONSECA, Thais Nivia de Lima e. Exaltar a pátria ou formar o cidadão. In: **História & Ensino de História**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2003, p. 37-71.
- FONSECA, Selva Guimarães. **A História na Educação brasileira**. Caminhos da história ensinada. Campinas-SP: Papyrus, 2000, p. 17-48.
- GARCIA, Silvia Maria Nicoletti Pillon. **Os planos diretores e o planejamento urbano no aglomerado Cuiabá/Várzea Grande – MT**. Dissertação de Mestrado. USP. São Paulo-SP: 2010.
- GEERTZ, Clifford. Descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 1978.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo-SP: Centauro, 2013.
- MARTINS, Ana Luiza. Uma construção permanente. In: **O historiador e suas fontes**. (orgs.) PINSKY, C. B.; de LUCA, T. R. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2015.

MENDES, Marcos Amaral. **História e Geografia de Mato Grosso**. Cuiabá-MT: Cafarnaum, 2015.

MORAES, Wagner de Oliveira. **O processo de ocupação ilegal no espaço urbano de Cuiabá, os casos dos bairros Pedregal e Renascer**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT. Cuiabá-MT: 2009.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, (2), 27-35. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i2p27-35>. 1995.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: **Revista Brasileira de História**, ANPUH/Marco Zero, São Paulo-SP, nº 25/26, setembro 92/agosto 93, p. 143-162.

RIBEIRO, Renilson. **Fazer História, a importância de ler, interpretar e escrever em sala de aula**. Curitiba-PR: Appris, 2018.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, C. M. F. **O saber histórico na sala de aula**. 11. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2010.

SILVA, Marcos; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no século XXI: Em busca do tempo entendido**. Campinas-SP: Papirus, 2007.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá-MT: Entrelinhas, 2002.